

DECOMPOSIÇÃO, RECOMPOSIÇÃO E ANÁLISE CRÍTICA DE UM TEXTO

Isaac Nicolau Salum

O que pretende êste trabalho é trazer uma pequena contribuição para a solução do problema da aplicação dos estudos de sintaxe, no plano da gramática tradicional e com luzes da lingüística moderna, à explicação de textos — de prosa ou verso, literários ou pragmáticos — bem como a uma atividade didática cuja eficácia e perfeição se fundamenta na boa leitura e na boa exegese do que se lê, isto é, o ensino da redação. Costuma-se dizer que é lendo que se aprende a escrever, mas é importante insistir que é refletindo sôbre como os que bem escrevem organizam a sua matéria que se ensina a redação. Alguns privilegiados aprendem intuitivamente, mas às classes se ensina reflexivamente.

Vamos tratar, portanto, de lingüística, ou, pelo menos, de gramática aplicada ao ensino da linguagem culta ou literária, ou, simplesmente, escrita, porque é esta a que se ensina. A outra — a coloquial de vários níveis — cada um no seu meio social aprende, a partir do leite materno; só a estudam, quando a estudam, os estrangeiros adultos, que a aprendem, quando aprendem, especialmente ouvindo-a e praticando-a.

Dividir-se-á o trabalho em três partes. A primeira constará de algumas considerações gerais sôbre a validade das noções e ênfases sintático-estilísticas da gramática tradicional e da velha retórica, sem desprezar, é claro, as contribuições da lingüística moderna ou da moderna teoria literária. A segunda procurará dar informações gerais e o histórico da gestação do método diagramático que aqui se apresentará, e algumas das suas bases formais e das implicações do seu emprêgo. A terceira analisará alguns dos quadros que vêm no fim do estudo e que trazem a diagramação dos primeiros 42 hexâmetros latinos das *Geórgicas* e dos 54 alexandrinos com que Castilho os traduz na sua bela versão *As Geórgicas de Vergílio*. Êsses 42 hexâmetros ou 54 alexandrinos constituem o *Exordium* do poema, que, sendo do gênero didático, se estrutura dentro do estilo épico, e, se aqui foram tomados para amostra, foi pelo simples fato de conterem o texto que deu origem à primeira tentativa de esquematização.

Parecerá, talvez, estranho o título que dei ao trabalho. *Decomposição* soa mal, mas aqui não deve cheirar mal, porque, sendo o texto um todo orgânico, nem por isso é constituído de matéria orgânica, fôsse êle embora dos que se escrevem com sangue, nos pactos com o Diabo das narrativas folclóricas. De resto, para quem se lembrar da bela imagem de Euclides da Cunha, que chamou ao verme “o mais vulgar dos analistas da matéria” (1), até o termo *análise* se prestará a associações olfativas. Outros nomes tenho já dado a êsse método — uns banais e prosaicos, outros metafóricos e suavemente irônicos: “método gráfico de análise ou explicação de texto”, “método diagramático de explicação sintático-estilística do período”, “radiografia do texto”, “anatomia do texto”, “fórmula de constituição do texto”. Como se vê, algumas dessas fórmulas levam também às associações olfativas dos laboratórios de química, de anatomia ou de consultórios médicos.

1 — *A validade da sintaxe da gramática tradicional.*

São do fim do século passado as primeiras manifestações de desencanto com a gramática e a retórica, entre nós. Dessa época e das duas primeiras décadas dêste século, são as obras de Cândido de Figueiredo, que personificava bem o “filólogo” do tempo: atomização dos fatos ortográficos, prosódicos, léxicos, problemáticas de concordância e regência, e sobretudo colocação de pronomes, abonações de clássicos a engrossar fichários e anotações e um linguajar pedante muito do gosto dos pontífices da “ciência filológica”. Somava-se a isso a tendência logicizante ou purista na interpretação dos fatos lingüísticos, o ensino da gramática como um fim em si mesma, a briga terminológica e também o esvaziamento dos textos, que por vêzes eram simples instrumentos de abonações ou de torturas nas classes.

Para êsse desencanto teriam contribuído as luzes da gramática comparativa? Talvez. Na Europa, certamente, a gramática racional ou filosófica dos sécs. XVII e XVIII recebeu o impacto da comparativa do séc. XIX, que se chamava a si mesma *gramática moderna*. Aqui, era a racional e analítica que predominava nos cursos secundários, sendo a *análise lógica* o grande processo de testar os conhecimentos de português.

João Ribeiro, o gramático, ali por 1890, já lançava ironias contra si mesmo por ter escrito gramáticas, e por mais de trinta anos continuou criticando a gramática e deixando réeditar-se as

1) — *Os Sertões*. 6ª edição, São Paulo, Livr. Alves, 1923 (p. 30).

suas (2) Em outubro de 1924, sob o título “Explicar ou Complicar”, Silva Ramos escreveu um artigo, aliás desigual e incoerente, contra a análise lógica, sobretudo contra certas distinções especiosas de terminologia e manias logicizantes de interpretação da frase, que concluía afirmando que o ensino de linguagem devia constar essencialmente de “exercícios práticos de composição”, e se encerrava com esta frase redigida muito ao sabor do estilo dos gramáticos ali criticados:

“Em resumo, o vício essencial da análise patenteia-se, de modo irresistível, no seguinte circo de que não há sair: Não é possível analisar um trecho se não se lhe compreende o sentido, e, se êle compreende, para que serve analisá-lo” (3)

Silva Ramos ignorou aí que a análise era um instrumento para o aprendizado do latim e, então também, de línguas estrangeiras, pois não se praticava o método direto, que ela era ainda a disciplinação do espírito para a exegese e para a pesquisa e, afinal, um instrumento objetivo de avaliação do que o aluno aprendera. Sua crítica só é válida no que toca à terminologia especiosa e ao ensino ou à prática da análise apenas *para* e *por* analisar. Mas a fragilidade do argumento fica evidente, se nessa pretenciosa conclusão substituímos os têrmos *análise*, *analisar* e *analisá-lo* por *explicação do texto*, *explicar* e *explicá-lo*. A conclusão seria que a explicação de texto é um exercício inútil.

“Em resumo, o vício essencial da *explicação de texto* patenteia-se, de modo irresistível, no seguinte circo de que não há sair: Não é possível *explicar* um trecho, se não se lhe compreende o sentido, e, se êle se compreende, para que serve *explicá-lo*?”

Pela mesma época, em 1926, na França, um historiador da língua francesa, autor de uma gramática histórica do francês em moldes novos, Ferdinand Brunot, publicava, “contra as gramáticas”, como observou alguém, um alentado e substancioso livro, em formato grande, de cerca de mil páginas — XXXVI introdutórias, mais 898 de texto e 82 de índices metuculosos — *La pensée et la langue*,

2) — Ver sôbre João Ribeiro o interessante estudo do Prof. Boris Schnaiderman, “João Ribeiro atual”, in *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n.º 10, 1971, pp. 65-93 (especialmente, p. 65 e ss.).

3) — In *Revista de Filologia Portuguesa* (dirigida por Mário Barreto), São Paulo, vol. IV n.º 10 (nov. 1924), pp. 75-82 (o texto citado é da p. 82) Como nesse mesmo artigo o A. tivesse provocado a manifestação de um engenheiro, Tobias Moscoso, seu ex-aluno, êste escreveu para a mesma revista, mesmo volume, n.º 12 (dez.), pp. 337-340, um artigo de franco apoio, de título “Fortunate Senex”

mas que se tornou uma espécie de gramática, se bem que renovada. Desolado porque a forma ou expressão era múltipla ou polivalente e não oferecia, segundo êle, critério seguro de classificação e sistematização, resolveu partir do conteúdo: partiu assim das necessidades de expressão dos fatos lógicos e volitivos, para chegar às diferentes soluções formais com que conta a língua. O título e o subtítulo do seu livro — *La pensée et la langue: méthode, principes et plan d'une théorie nouvelle du langage appliquée au français* — revela como, com exemplificação estritamente francesa, êle fêz uma “gramática geral” Seu ponto de vista é exatamente o contrário do da Glossemática, que só dá atenção à forma, mas é um trabalho substancial para o ensino da língua através do exame dos textos.

Ainda hoje, 60 anos depois da sua elaboração, 54 depois da 1.^a edição, a leitura da bela introdução dêsse livro, assim como a consulta ao seu substancial texto, se impõem aos professôres de língua, porque essa “espécie de gramática”, que criticou em geral as gramáticas, e nem sempre com razão, é um grande tratado prático de estilística da língua francesa, o qual, precisamente por partir da idéia, se aplica, *mutatis mutandis*, pelo menos a qualquer das línguas neolatinas. E não é por acaso que Brunot descobriu — e êle não silencia quanto ao prazer que isso lhe causou — que as suas idéias fundamentais eram muito semelhantes às de Charles Bally, “o criador da estilística francesa” (4) É que, na verdade, o estudo da estilística duma língua normalmente parte do pensamento para a forma, como diz o mesmo Bally num texto que Brunot cita a seguir no rodapé:

“partant du fait de pensée, on devrait établir la relation avec le fait d'expression qui lui correspond, et alors chercher par quel procédé linguistique le fait de pensée est devenu fait d'expression. Cette méthode “d'identification” que j'ai exposée et suivie systématiquement dans mon *Traité* (voir vol. I, 2e partie, 1909-1910) me semble être le remède le plus efficace contre le formalisme qui paralyse encore les études linguistiques et surtout l'enseignement des langues. Cette méthode s'applique, bien entendu, non-seulement aux mots, mais à tous les faits d'expression (p. ex. aux faits de syntaxe, de prononciation expressive etc.” (5).

O *Traité* de que aí fala Bally é o *Traité de stylistique française* e a referência deve ser aos §§ 109 e 110 — e não, como está, aos §§ 1909 — 1910, que não existem. Nem deixa de ser muito curio-

4) — F Brunot — *La pensée et la langue: méthode, principes et plan d'une théorie nouvelle du langage appliquée au français*, 3^{ème} édition revue, Paris, Mason, 1953 (p. XX).

5) — Idem, *Ibidem*, p. XX, nota 1.

sa essa crítica que êle faz ao “formalismo que ainda paralisa os estudos lingüísticos e sobretudo o ensino de línguas”, quando se pensa que as famosas afirmações atribuídas a Saussure no *Cours* de que “*la langue est une forme et non une substance*” e de que “*la linguistique a pour unique et véritable objet la langue envisagée en elle-même, et pour elle-même*”, são dos editores — um dos quais foi êle, Charles Bally —, e não das fontes que êles tiveram em mãos (6)

Parece que se pode dizer que aí êle não se pronuncia como lingüista, mas como estilista. O que o preocupa é o ensino da língua. No *Traité* êle invoca freqüentemente o texto, que é o grande ausente de trabalhos exclusivamente preocupados com a descrição lingüística. Esta dificilmente vai além do enunciado simples. Alguma vez se encontra uma ou outra discussão da oração complexa, sobretudo nas análises de tipo transformacional. Não é, porém, o plano exegético aquêle em que a lingüística trabalha. Como bem notou o Prof. Wolfdieter Stempel, de Constança, em conferência pronunciada em nosso Departamento de Lingüística em agôsto passado, os vocabulários de lingüística ou ignoram o termo *texto*, ou, se o registram, não lhe dedicam mais que duas linhas. Apenas poderíamos observar que, nos *Prolegomena*, Hjelmslev fala freqüentemente em *texto* e com êsse termo designa uma cadeia simples ou de mais de um elemento, que pode ir além do enunciado. Mas o seu objetivo fundamental é a análise dessa cadeia até a unidade menor (7) Isso é natural: para a descrição é o quanto basta, porque do enunciado para cima — períodos, parágrafos — repetem-se os fatos, o que do ponto de vista da língua perde o interêsse, mas não do ponto de vista da mensagem.

O exame estrutural reúne textos que formam o *corpus*. Mas o que interessa não é o tratamento dêsses textos como mensagens, a visão das suas partes e a reconstituição do seu todo harmônico. O texto entra nesse exame como um repositório de dados que são respigados e sistematizados. Nesse sentido, e só nesse, o texto se impõe, e impõe-se de tal modo que as gravações da fala só podem ser estudadas depois de transformadas em textos.

6) — F de Saussure — *Cours de linguistique générale*, 2e édition (publié par Charles Bally et Albert Sechehaye), Paris, Payot, 1922, 2ème partie, ch. IV, § 1, p. 157; § 4, p. 169 e 5ème partie, ch. V, p. 317). Cf. Idem, *Cours de linguistique générale*. Édition critique par Rudolf Engler, tome I, Wiesbaden, Otto Harrassowitz, 1968 (pp. 254, 276 e 515).

7) — Louis Hjelmslev — *Prolegomena to a Theory of Language*, translated by Francis J. Witfield, Madison (USA), The University of Wisconsin Press, (1961), 1963 (reimpressão) (§§ 13, 16, 18, 27-29, 36 e 97 (neste a definição do termo) Cf. Emilio Alarcos Llorach — *Gramática Estructural*. Madrid, Gredos, 1951 (§§ 12-13).

O ensino da língua literária ou culta é mais complexo do que a simples “produção de frases”. É o enriquecimento do acervo paradigmático do aluno ou da classe através da exploração da série maior possível de textos no sentido tradicional dêsse termo: unidade de tamanho limitado, mas examinada como mensagem e também como estrutura, a partir desta, creio eu, podendo constar de várias partes, e com princípio, meio e fim, variável de acôrdo com o gênero literário, com as circunstâncias e com a atitude pessoal do autor. Mais ainda. É o adestramento do estudante na técnica de organização do seu pensamento, isto é, de como estruturar a sua mensagem. E é também a reflexão sôbre os recursos de construção e de relação de todos os signos da língua para “produção de frases” e o encadeá-las, no nível literário ou na forma escrita, inclusive as convenções ortográficas e semelhantes, ligadas à língua e ao estilo — grafia, abreviaturas, sinais de pontuação e seu uso, e outros recursos escritos de expressão afetiva —, bem como aos fatos correspondentes de modulação na leitura ou expressão oral. Tudo isso não se pode exigir ou esperar da lingüística. Mas isso ainda se pode e se deve esperar da gramática e da estilística aplicadas a um texto completo. Aquela reação contra a gramática de que atrás falamos foi positivamente injusta. Reagir contra uma gramática e uma retórica transviadas, formalistas, unilaterais, é justo. Mas culpar a gramática e a retórica, que eram sistematizações de fatos da língua e da técnica da composição, por erros de orientação e substituí-las pelo empirismo foi um grande mal! E, como empirismo não se ensina nem se controla, substituiu-se a gramática por nada.

É corrente entre nós um ditado, que não sei se outros povos românicos conhecem: “Mais vale a prática do que a gramática”. Repete-se algumas vêzes para criticar a gramática, outras vêzes para fazer apologia da prática em quaisquer domínios das ocupações humanas. A julgar pela rima, pode ser ou só da tradição brasileira, ou da luso-brasileira, ou da ibérica, ou também da italiana. Só o conheço de ouvi-lo: nossos dicionários o ignoram, assim como também o ignoram os dicionários espanhóis e italianos que consultei, e não me lembro de tê-lo visto nalgum texto. Se fôr só da nossa tradição, é possível fixar-lhe a idade: não será muito mais que septuagenário. E afirmaria uma grande verdade, se a sua ênfase não fôsse nitidamente polêmica.

Uma diferença que se pode estabelecer entre gramática e lingüística é que a primeira inclui o aspecto pedagógico e normativo, e circunscreve-se à língua culta, enquanto a segunda tem conteúdo e campo mais bem definido. A gramática é a sistematização dos fatos da língua culta, visa ao ensino da língua, interessando-lhe

também problemas gerais de estilo, ao passo que a lingüística é o estudo científico da língua. O que se chamou *gramática geral*, o que se chamou *gramática comparativa* ou *comparada* e o que hoje se chama *gramática gerativo-transformacional* é simplesmente lingüística dentro dum pressuposto teórico. Tanto isso é verdade que Chomsky e Hjelmslev denominam os seus sistemas doutrinários “teoria lingüística”

Um ensino de gramática, só para análises, que só analisa *para* e *por* analisar uma gramática dogmática, personalista, que só batiza estruturas e funções, na qual só se aprende a “etiquetar” coisas é bem pior do que a prática: é realmente *antiprática*; mais que isso: — é *antipática*. Analisar textos, batizando formas e funções, não é estudar a língua; detectar figuras de palavras ou de pensamentos ou tropos, batizá-los com polissílabos esdrúxulos — *esdrúxulos* aqui, pela sua dupla conotação, vale mais que o prosaico *proparoxítono* —, alinhar e acumular datas, nomes de autores e de obras e opiniões críticas, não é aprender nem ensinar crítica ou história literária. Mas, antes que passemos adiante, é bom ressaltar que tudo isso, se examinado sem restrições ou exclusividade, fornece recursos muito importantes e, até, indispensáveis para a compreensão e o uso vivo da língua culta, para a organização do pensamento (= do texto), para a apreciação e o julgamento da obra literária.

É mais fácil aprender da sistematização dos fatos lingüísticos ou literários do que só dos textos, que os apresentam de modo assistemático. É necessário, porém, que a sistematização seja realmente objetiva e que haja uma espécie de alternância que retire do texto os fatos que inspirem essa sistematização, e nela encontre os dados que complementem os do texto. Êste fornece ainda os bons modelos de organização, de técnica de transições e paragrafação, e variedades de estilos. Daí surge o ensino eficaz da redação, que é operação muito complexa, pois vai dos aspectos excessivamente formais e convencionais, como ortografia e pontuação, até os mais profundos, como organização do pensamento e estruturação da mensagem. Dêsse modo, com êssa alternância metódica, se impede o esvaziamento da aula de gramática, o da aula de explicação de texto e o da aula de redação. Quem se habitua a refletir sôbre o modo como os entendidos organizam a mensagem, variam e adaptam os seus recursos formais à sua expressão, e concatenam os seus elementos, aprende a estruturar o que tiver a dizer.

Uma velha citação, creio que de Darmesteter, que, ali por 1934, vi numa das duas gramáticas de Eduardo Carlos Pereira — que trago de memória desde os longínquos tempos do Ginásio

Mineiro de Muzambinho, mas não consegui agora encontrar — lembra uma sensata afirmação de Herder sôbre êsse problema. Ei-la, tal qual a memória ma reteve:

“Il faut, a dit Herder, apprendre la grammaire par la langue et non la langue au moyen de la grammaire”

Essa fórmula põe os pontos no *ii*. É evidente que aí se emprega *langue* nos dois sentidos da distinção saussureana: na primeira ocorrência, *langue* significa “fala” (isto é, ‘texto’), e na segunda significa “língua”, ou, talvez, “norma”. A gramática não visa à fala, mas parte dela para nos dar a língua ou, quando muito, a norma.

Não se pode dizer que a nossa gramática tradicional tenha falhado completamente. A lingüística, que pretende ou substituí-la ou renová-la, fêz grandes progressos no nível da fonologia e da morfologia. Mas a sintaxe, que, salvo algumas raras e honrosas exceções, e muitas delas monográficas, a gramática comparativa deixou como filha órfã ou deserdada, continua um vasto campo em que os resultados obtidos no passado são ainda em boa parte válidos, havendo algumas regiões que ainda são florestas indevasadas.

A lingüística, com a distinção dos dois planos — o paradigmático e o sintagmático — detectados e batizados e estudados, tem trazido precisões inestimáveis em ambos, mas aqui nos interessa ressaltar particularmente as do plano sintagmático. A teoria do enunciado não foi totalmente alterada, mas sofreu renovações salutares: reconheceram-se novos tipos de orações mais concentradas, não sujeitas ao esquema sujeito-predicado, disciplinou-se a mania de subentendimentos, esclareceu-se melhor a constituição dos sintagmas que formam os vários membros do enunciado. Não aconteceu o mesmo com certos membros e fatos aparentemente secundários — e secundários mesmo, no plano da expressão, mas não no da mensagem — como as aposições, as repetições, as justaposições, as coordenações internas no enunciado, que interessam mais à mensagem que à estrutura, mas que são fatos de estrutura. Assim também uma boa parte dos problemas da ordem dos termos, que são do domínio da fala e não da língua, e o problema da estrutura do período, que a lingüística ou ignora, ou adia, ou simplesmente aflora, não puderam beneficiar-se do avanço dos estudos lingüísticos.

Parece-me que nesses domínios a gramática tradicional tem ainda uma mensagem bastante importante e que interessa de perto ao problema do texto, especialmente ao que nos ocupará aqui: o do seu desfraseamento e recomposição. Está claro que os dados da gramática tradicional recebem um nôvo sentido ante a teoria, a

Esquema de 1944

A

← que

tu ades, Caesar, da facilem cursum (mis) captis arduibus
 utque
 amice (eo)
 et
 ingrediere (meum) (iram)
 et
 presentis meum agesto agros: me
 et
 assidue
 sperari iam nunc votis

quidquid (tu) eris
 nam
 nec Iactura te sperant regem
 nec cupido tam diu venat tibi
 quoniam
 Graecia miratur Campos Elysiis
 et
 Proserpinam repetita non curat
 (re)permatem

inertum est
 quem
 quae concilia deorum habitura sunt mox
 (tu) (velis) invisere urbes
 (tu) (velis) curam terrarum
 an
 maximus orbis te accipiat
 (tu) (velis) curam terrarum
 (tu) venas deus maris immensi
 de
 nautae colunt tua numina sola
 et
 ultima Thule tibi servat
 et
 Tethys emat te generum: tibi cumberis undis
 an
 (tu) adbas te novum sidus mensibus tardis

Esquema
 que locus proditus inter
 (1) Phelias
 (2) Phelias
 (3) Phelias
 (4) Phelias
 (5) Phelias
 (6) Phelias
 (7) Phelias
 (8) Phelias
 (9) Phelias
 (10) Phelias
 (11) Phelias
 (12) Phelias
 (13) Phelias
 (14) Phelias
 (15) Phelias
 (16) Phelias
 (17) Phelias
 (18) Phelias
 (19) Phelias
 (20) Phelias
 (21) Phelias
 (22) Phelias
 (23) Phelias
 (24) Phelias
 (25) Phelias
 (26) Phelias
 (27) Phelias
 (28) Phelias
 (29) Phelias
 (30) Phelias
 (31) Phelias
 (32) Phelias
 (33) Phelias
 (34) Phelias
 (35) Phelias
 (36) Phelias
 (37) Phelias
 (38) Phelias
 (39) Phelias
 (40) Phelias
 (41) Phelias
 (42) Phelias
 (43) Phelias
 (44) Phelias
 (45) Phelias
 (46) Phelias
 (47) Phelias
 (48) Phelias
 (49) Phelias
 (50) Phelias
 (51) Phelias
 (52) Phelias
 (53) Phelias
 (54) Phelias
 (55) Phelias
 (56) Phelias
 (57) Phelias
 (58) Phelias
 (59) Phelias
 (60) Phelias
 (61) Phelias
 (62) Phelias
 (63) Phelias
 (64) Phelias
 (65) Phelias
 (66) Phelias
 (67) Phelias
 (68) Phelias
 (69) Phelias
 (70) Phelias
 (71) Phelias
 (72) Phelias
 (73) Phelias
 (74) Phelias
 (75) Phelias
 (76) Phelias
 (77) Phelias
 (78) Phelias
 (79) Phelias
 (80) Phelias
 (81) Phelias
 (82) Phelias
 (83) Phelias
 (84) Phelias
 (85) Phelias
 (86) Phelias
 (87) Phelias
 (88) Phelias
 (89) Phelias
 (90) Phelias
 (91) Phelias
 (92) Phelias
 (93) Phelias
 (94) Phelias
 (95) Phelias
 (96) Phelias
 (97) Phelias
 (98) Phelias
 (99) Phelias
 (100) Phelias

(Esquema primitivo de
 Georgios I, 24-42, idealo em
 1944 para uma aula no 3º ciclo.
 sico do Colégio Bantimantz)

São Paulo, julho de 1971.
 Antônio de Almeida

Gorgias - Echdis (S. 1-104).

1. ¹ - Naumes, ² hinc comes ³ imp...

¹⁰ quod p[ro]p[ri]et[er] l[ib]er[is] reg[is]
¹¹ h[ic] q[ui]s a[ut]em [s]u[us] q[ui]s[que] q[ui]s[que] o[mn]i[um]
¹² q[ui]s [s]u[us] b[er]n[us]
¹³ q[ui]s cult[us] d[icit] p[ro]p[ri]et[er]
¹⁴ q[ui]s[que] r[ep]r[es]entat[ur] p[er] p[ar]t[em] p[ro]p[ri]et[er]

¹ h[ic] o[mn]i[um] d[omi]n[us] m[un]di l[ib]er[is]
² q[ui]s d[omi]n[us] reg[is]
³ q[ui]s d[omi]n[us] caelo

¹ fr[at]er C[ae]s[ar]
² q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] q[ui]s d[omi]n[us] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em
³ q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em
⁴ q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em

¹ q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em
² q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em
³ q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em
⁴ q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em

¹ q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em
² q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em
³ q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em
⁴ q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em

¹ q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em
² q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em
³ q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em
⁴ q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em

¹ q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em
² q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em
³ q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em
⁴ q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em

¹ q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em
² q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em
³ q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em
⁴ q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em

¹ q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em
² q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em
³ q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em
⁴ q[ui]s v[est]r[us] n[um]er[us] t[er]re[rum] p[ro]p[ri]et[er] m[un]di a[ut]em a[ut]em

② qui

① ③ Tu ades, Ceres,

④ quem ⑤ inventum est ⑥ Quae mox sunt habitare domos - ora lo.

⑦ ⑧ ⑨ ⑩ ⑪ ⑫ ⑬ ⑭ ⑮ ⑯ ⑰ ⑱ ⑲ ⑳ ㉑ ㉒ ㉓ ㉔ ㉕ ㉖ ㉗ ㉘ ㉙ ㉚ ㉛ ㉜ ㉝ ㉞ ㉟ ㊱ ㊲ ㊳ ㊴ ㊵ ㊶ ㊷ ㊸ ㊹ ㊺ ㊻ ㊼ ㊽ ㊾ ㊿

① facili cursum
 ② audacibus annis ceptis
 ③ Ingulone
 ④ ⑤ ⑥ ⑦ ⑧ ⑨ ⑩ ⑪ ⑫ ⑬ ⑭ ⑮ ⑯ ⑰ ⑱ ⑲ ⑳ ㉑ ㉒ ㉓ ㉔ ㉕ ㉖ ㉗ ㉘ ㉙ ㉚ ㉛ ㉜ ㉝ ㉞ ㉟ ㊱ ㊲ ㊳ ㊴ ㊵ ㊶ ㊷ ㊸ ㊹ ㊺ ㊻ ㊼ ㊽ ㊾ ㊿

① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦ ⑧ ⑨ ⑩ ⑪ ⑫ ⑬ ⑭ ⑮ ⑯ ⑰ ⑱ ⑲ ⑳ ㉑ ㉒ ㉓ ㉔ ㉕ ㉖ ㉗ ㉘ ㉙ ㉚ ㉛ ㉜ ㉝ ㉞ ㉟ ㊱ ㊲ ㊳ ㊴ ㊵ ㊶ ㊷ ㊸ ㊹ ㊺ ㊻ ㊼ ㊽ ㊾ ㊿

① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦ ⑧ ⑨ ⑩ ⑪ ⑫ ⑬ ⑭ ⑮ ⑯ ⑰ ⑱ ⑲ ⑳ ㉑ ㉒ ㉓ ㉔ ㉕ ㉖ ㉗ ㉘ ㉙ ㉚ ㉛ ㉜ ㉝ ㉞ ㉟ ㊱ ㊲ ㊳ ㊴ ㊵ ㊶ ㊷ ㊸ ㊹ ㊺ ㊻ ㊼ ㊽ ㊾ ㊿

① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦ ⑧ ⑨ ⑩ ⑪ ⑫ ⑬ ⑭ ⑮ ⑯ ⑰ ⑱ ⑲ ⑳ ㉑ ㉒ ㉓ ㉔ ㉕ ㉖ ㉗ ㉘ ㉙ ㉚ ㉛ ㉜ ㉝ ㉞ ㉟ ㊱ ㊲ ㊳ ㊴ ㊵ ㊶ ㊷ ㊸ ㊹ ㊺ ㊻ ㊼ ㊽ ㊾ ㊿

① ② ③ ④ ⑤ ⑥ ⑦ ⑧ ⑨ ⑩ ⑪ ⑫ ⑬ ⑭ ⑮ ⑯ ⑰ ⑱ ⑲ ⑳ ㉑ ㉒ ㉓ ㉔ ㉕ ㉖ ㉗ ㉘ ㉙ ㉚ ㉛ ㉜ ㉝ ㉞ ㉟ ㊱ ㊲ ㊳ ㊴ ㊵ ㊶ ㊷ ㊸ ㊹ ㊺ ㊻ ㊼ ㊽ ㊾ ㊿

De Spingire, I, 1-42
 Stuttgart, 20/6/1971
 von Thellmann

11. Chir; tambem
 12. ...
 13. ...

14. ...
 15. ...
 16. ...
 17. ...
 18. ...
 19. ...
 20. ...
 21. ...
 22. ...
 23. ...
 24. ...
 25. ...
 26. ...
 27. ...
 28. ...
 29. ...
 30. ...

As Geringues de Virgilio ...
 por ...
 ...
 ...
 ...
 ...

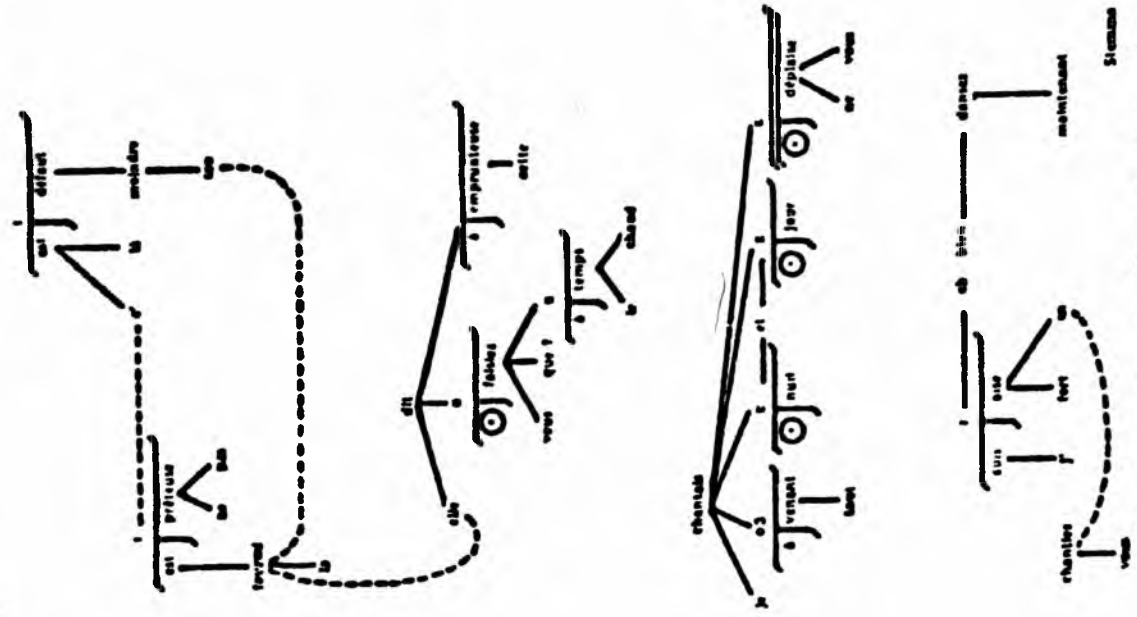
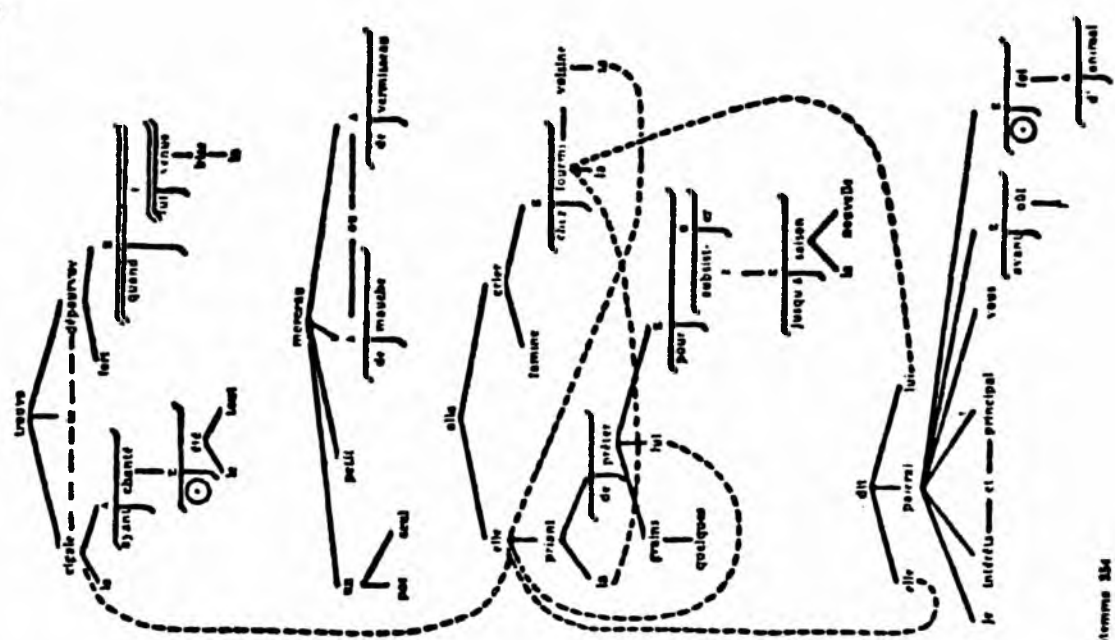
Sor Paulo, 20/6/1971
 T. Z. A. S.

31. ...
 32. ...
 33. ...
 34. ...
 35. ...

STEMMAS

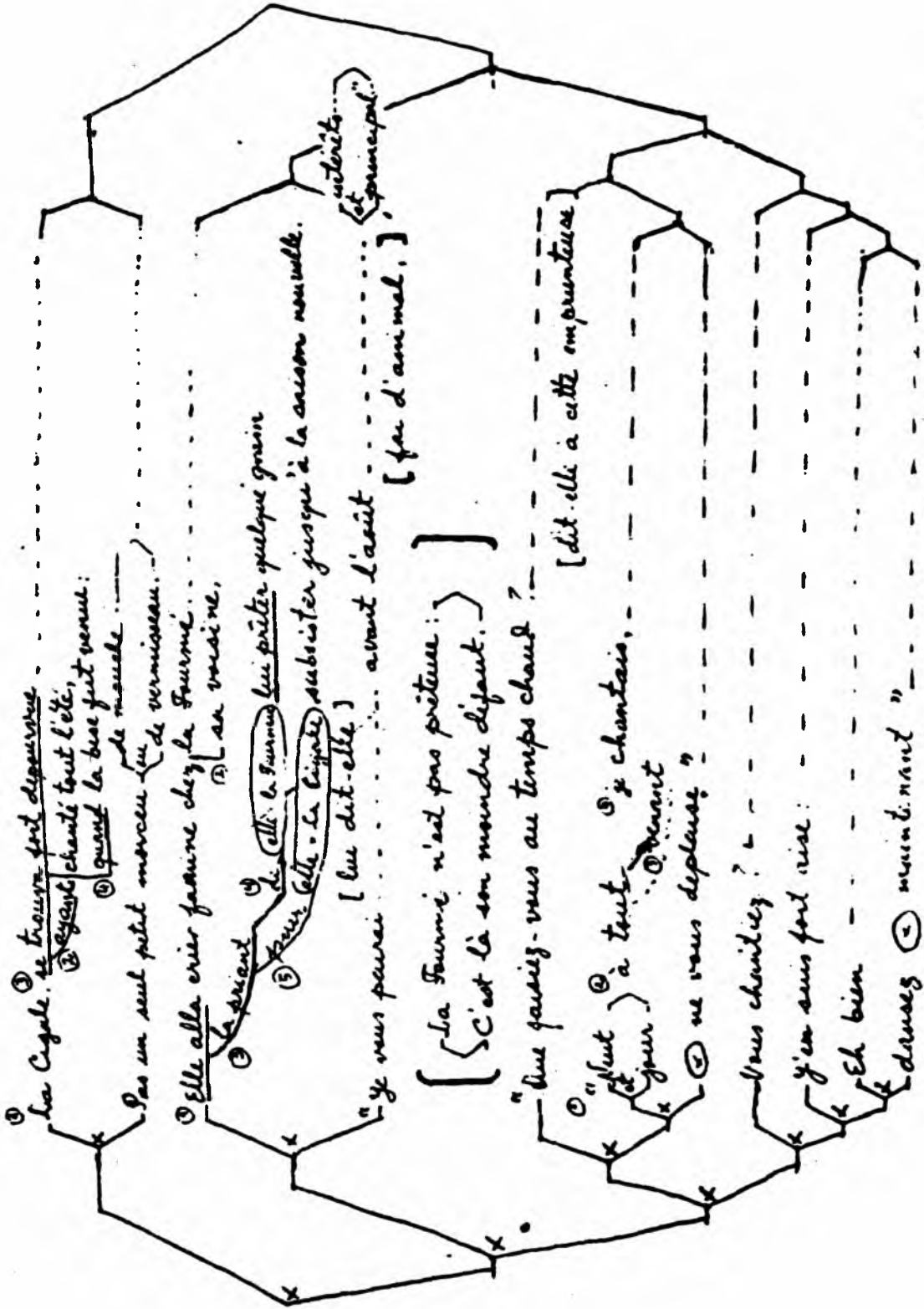
La Cigale et la Fourmi

LA TRANSLATION



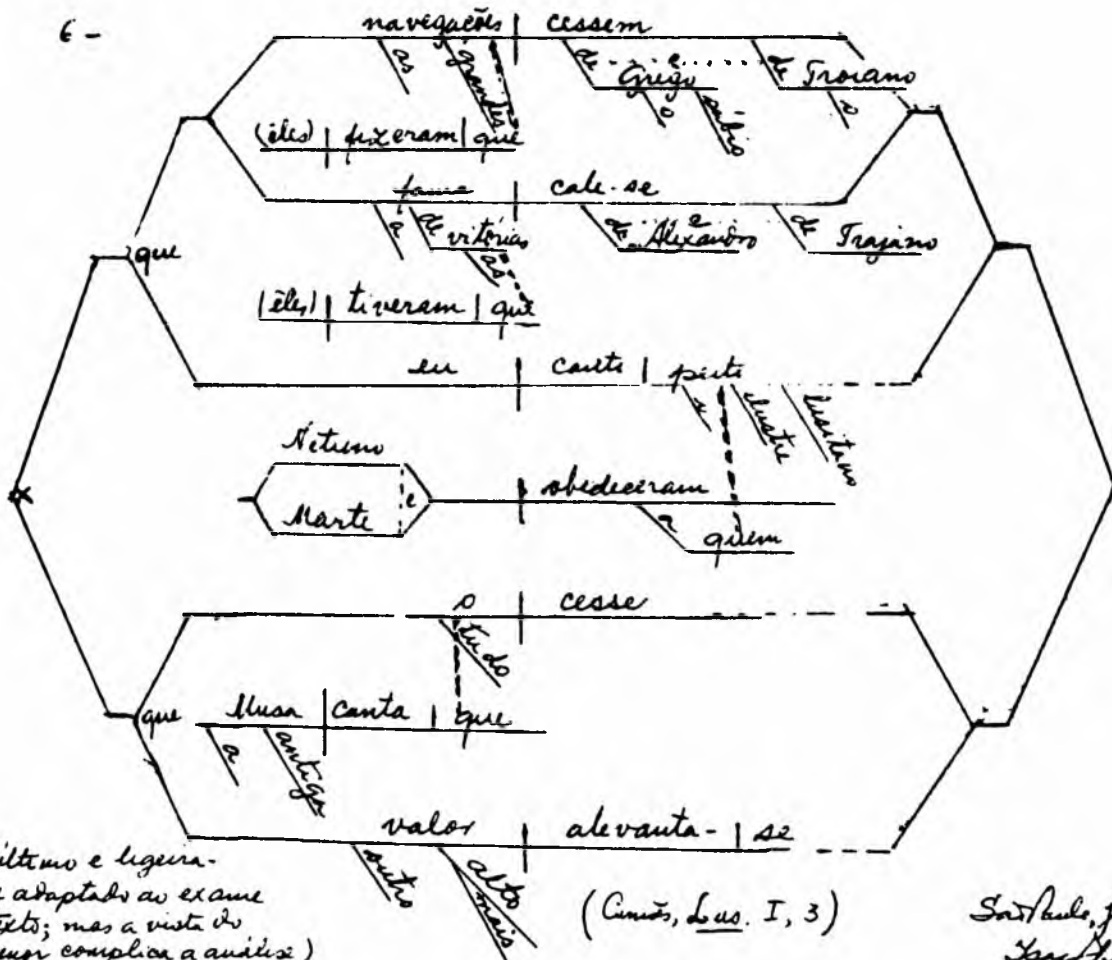
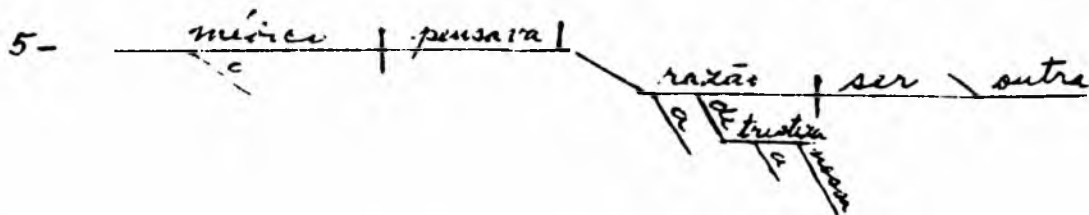
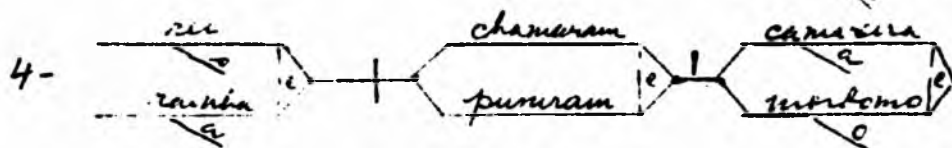
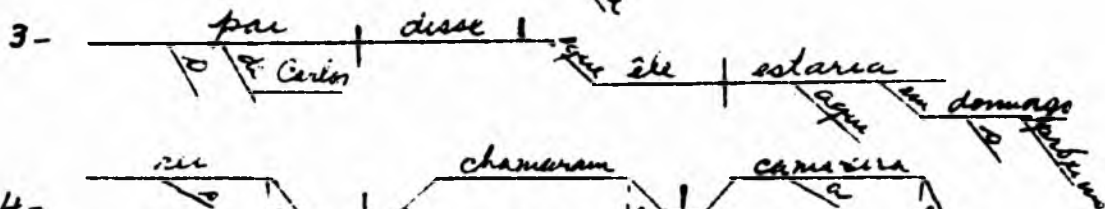
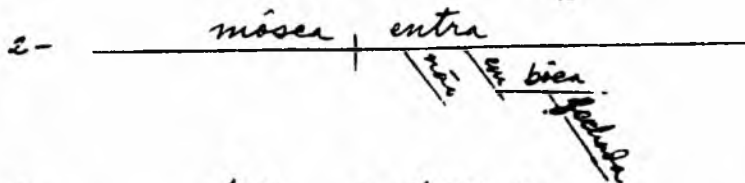
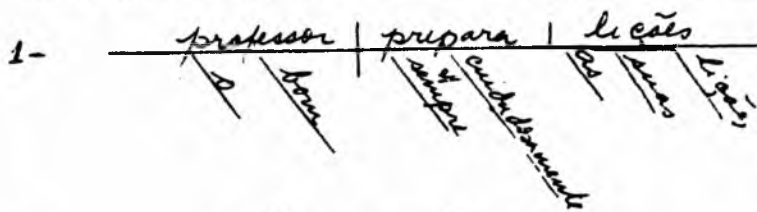
(Extrait n° 354, ica, Eléments de syntaxe structurale de Lucien Feslère, n. Annot. P. 5 par Guy Bédet, (1963-64) introductions par l'auteur.)

La Cigale et la Fourmi



(Plan de la Fable. Fables, I, 7).
 Sixième édition, 1971
 H. Pichon

Algumas amostras do sistema de diagramas de Reed e Kellogg, introduzido no Brasil em 1915 por Ottonel Mata.



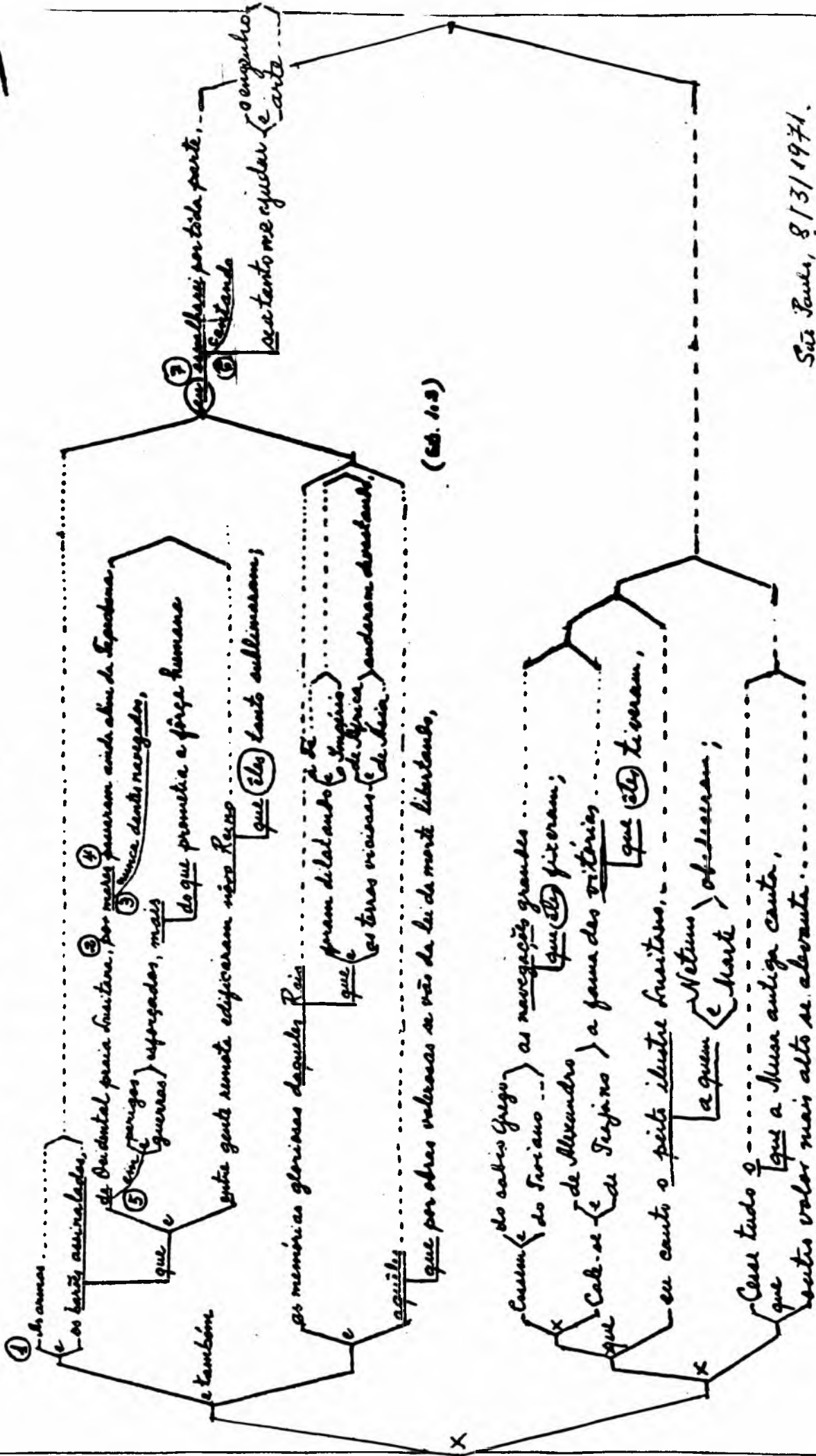
(Este último é ligeiramente adaptado ao exame do texto; mas a vista do pormenor complica a análise)

(Cunha, Luos. I, 3)

São Paulo, julho 1971
 Francisco de Assis

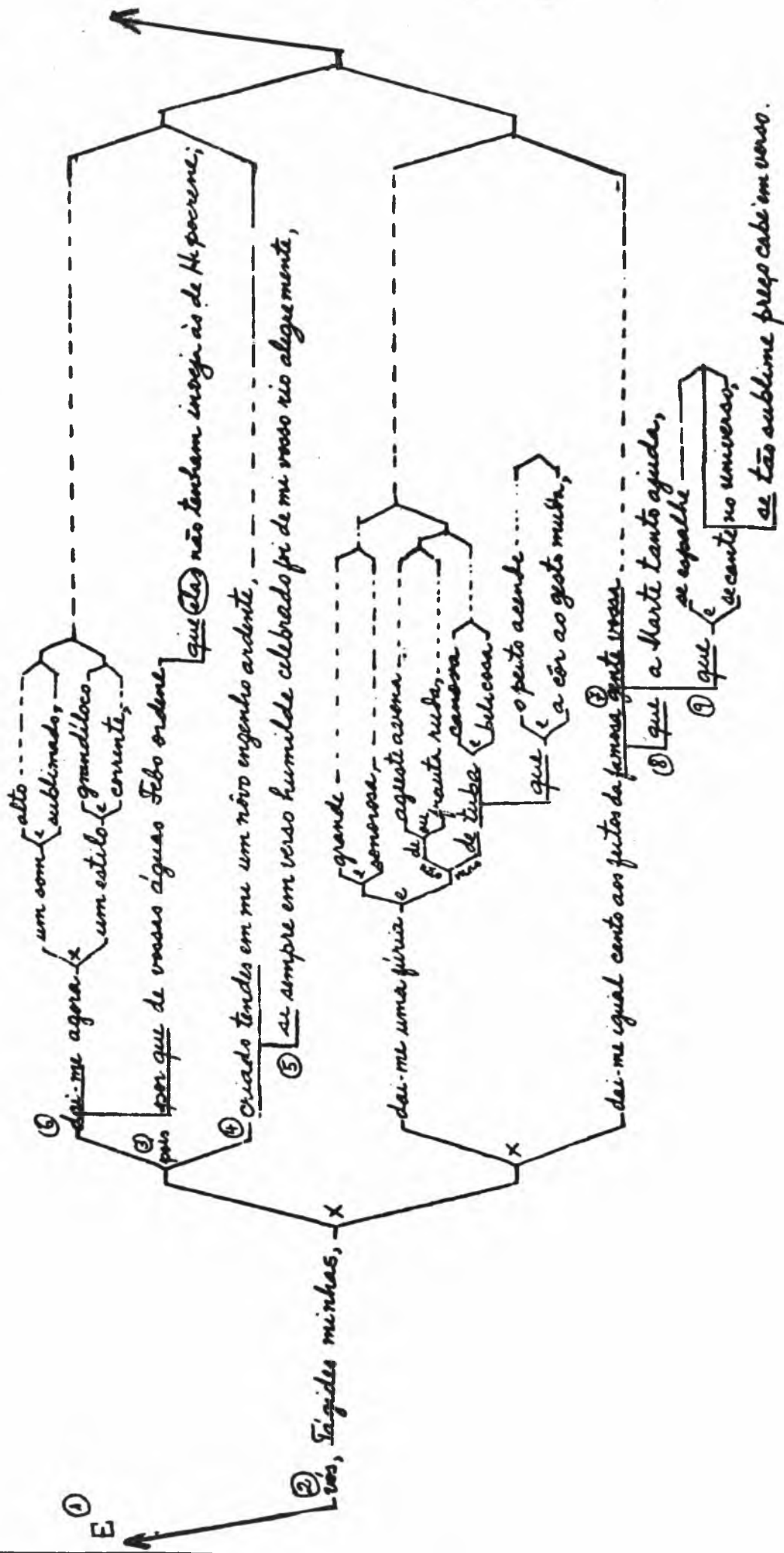
Os Lusíadas - Exórdio (Proposição: I: 1-3).

9



(ed. 1.0.3)

São Paulo, 8/3/1971.
 Bartolomeu



Sofia, 8 de março de 1971
Sofia

As Lusiadas - Exórdio (dedicatoria: 1º segmento - v. introdutório - I: 6-8)

vós, ós
que bem nasceis de segura colina l'buale,
que não menos céleste espargi de amento de popera Civitavelde,

vós, ós
que não temor de Moura longa,

1) maravilha fatal da man e de de,

2) de se ao mundo por Deus

3) que todo o mande,

4) do mundo e Deus da parte grande; []

vós, ós
que tanto
que n'os
florecente de uma d'esse

4) do ato mais amado

3) ipus renhencia 2) d'Os Amab

4) vende no d'ente,

5) no Chama; Chama;

vós, ós
que no vosso
que preside os amada a vibria

3) de acauda

1) na qual E' os e de sou

que E' para si na Cruz Emora;

vós, potentes Rei;

3) no primeiro,

2) logo em d'os v'os,

cujas alto impio o Sul
que o tambem no meio do M'os,

3) de deus derradeiro;

3) quando d'Os de se,

do torpe Emalta cavaleiro;

do Turco oriental;

que n'os esperamos como
que o impio

do Genio

que anda l'iba e l'cor do Santo Rio; [] (at 8)

(at 7)

Os Lusitânes - Exordio (Sub-castella: 22 segmentos: preparação generalizada pelo 12 versos - l. 1-9-11)

inclinei por um pouco a majestade

1) que nesse tempo (14) os contemplo,
2) que já se mostra (15)

qual (16) (17) na inteira idade

3) quando (18) creio ao eterno Templo;
4) autêntico

os olhos de real benignidade ponde no chão:

1) vereis um novo exemplo de amor dos pátrios feitos valerosos,
2) em versos divulgados numerosos; [.] (st. 9)

3) Peris amor da patria,

4) mundo de prêmio (19) vil,
5) (20) alta
6) (21) e quase eterno

11) que não é prêmio vil - (22) comendo por um prêmio do ninho meu paterno; [.]

ouvi: 1) (23) vovos o nome daquelas

2) (24) engrandecida de quem (25) seio senhor supremo,
3) qual coisa é mais excelente

4) de (26) mais (27) exalenti

5) (28) que (29) mais (30) exalenti
ser do mundo Rei,
6) (31) de tal gente; [.] (st. 10)

ouvi que não vereis

7) com vãs façanhas. (32) (33) mentirosas,
8) (34) fútilíssimas,
9) (35) fingidas.
10) (36) Luceas as vozes

11) como (37) (38) nas eternas flúas,

12) (39) as (40) verdadeiras vozes são (41) verdadeiras

13) (42) de engandias.

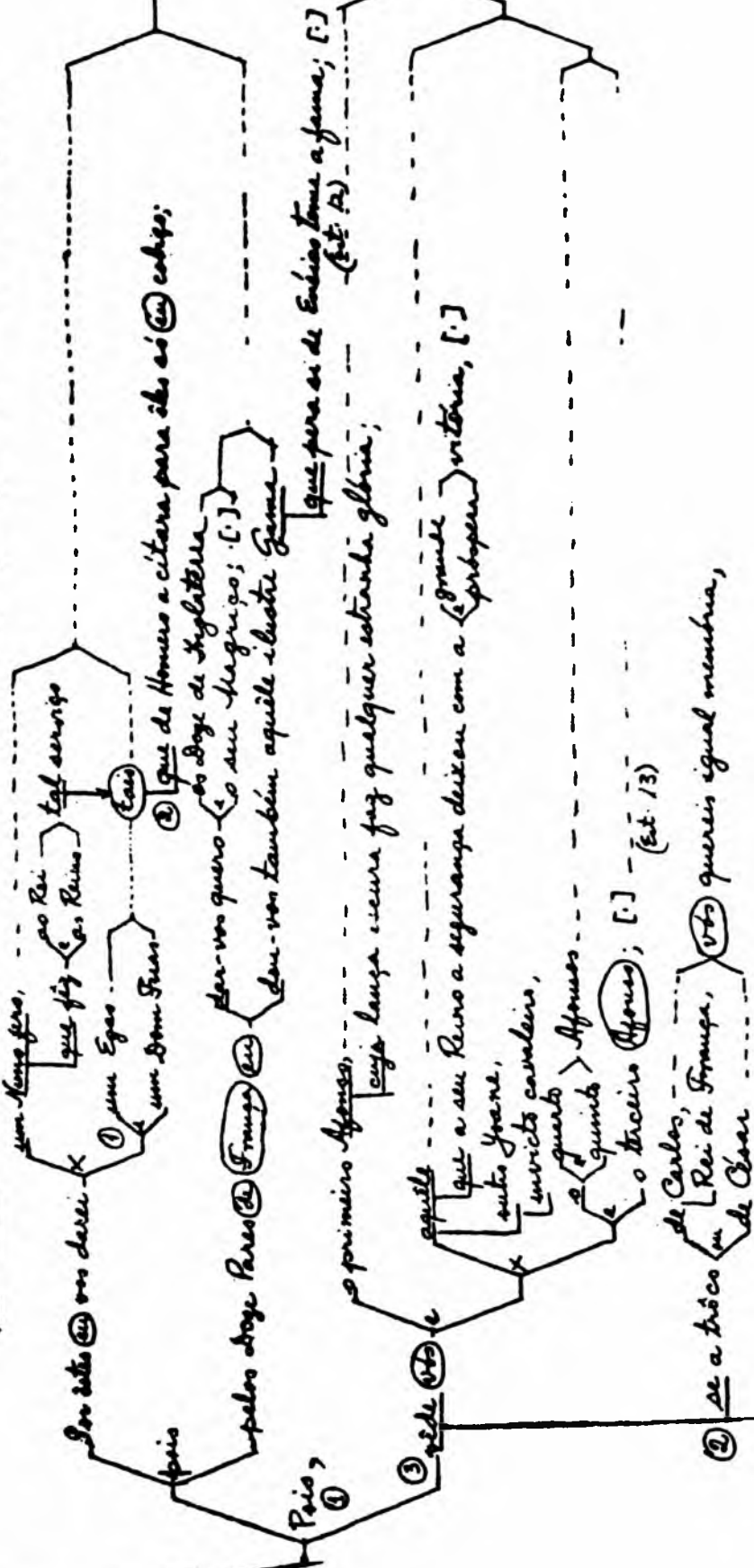
14) (43) que (44) excedem as (45) ambadas, fabulosas, Roboramente.

15) (46) que (47) excedem (48) o vros Rugeis, e (49) o (50) de engandias.

(st. 11)

São Paulo, 8 de março de 1971.
Eduardo de Almeida

Os Lusíadas - Exórdio (Dedicatória): 30 segmentos: proposições ligadas ao 1º versículo - Auto B. I, 12-14



1) Nem dicarão meus versos aquillo que se fez

que nos Reinos El de Aurora se fizeram por armas tão subidos, fizeram nossa bandeira sempre vencedora; [...]

Um Padoes fortissimo, os temidos Alencas, por quem sempre o Sjs chora. Albuquerque terrível, Castor forte, em quem poder não teve a morte. (Est. 14)

São Paulo, 8 de março de 1971.
Sardinha

Os sujeitos - Exordio (Sub. cativa) - 4º segmento | segundo motivado e suas proposições | I. 15-18

⑤ tomar as rédeas vós do Reino vossos.
 ② enquanto eu estiver, cento contas
 que vós não possuís contas
 ④ que não me atreva a tanto,
 ⑥ deveis material quanto
 ③ runce avido

④ comencem a sentir o piso grosso de exércitos de Africa as terras
 { feitos singulares } { do Oriente os mares }
 (st. 15)

① Em vós os olhos tem o flouro frío.
 ③ em quem vós vê seu exício
 { atiguardo }
 ② barbárie gentio mostra o peçoço.
 ④ so com vós ver
 ⑦ Setis tudo o cerúleo avulsório tem inclinado;
 ⑧ pera vós por doté aparelhado.
 ⑨ que desja de comprar vós pera genro; [.]
 ⑩ Segrade ao gesto do tenro; [.] (st. 16)

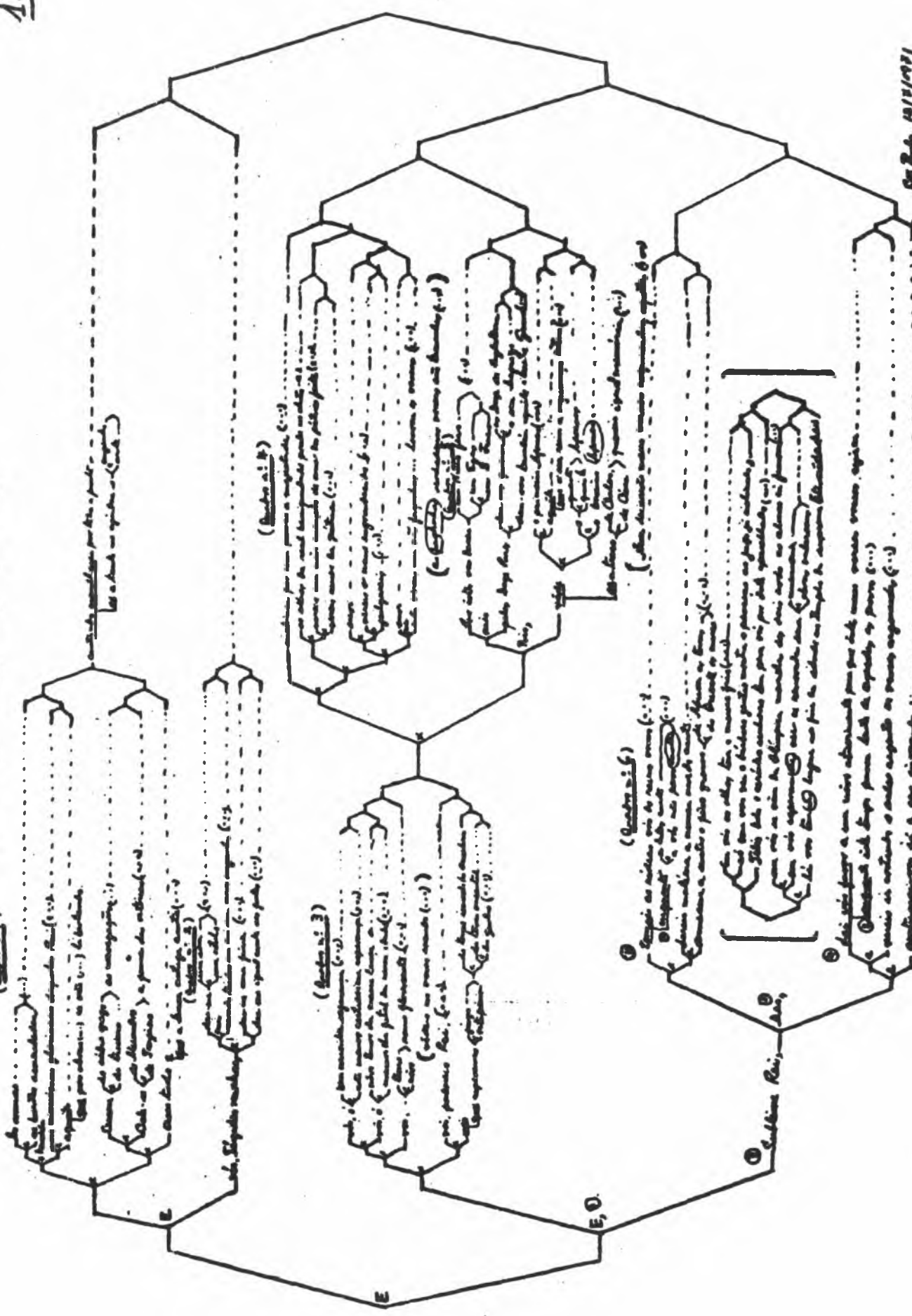
em vós se vem (= vêm) da Olímpica morada, dos dois avós as almas céfemonas;
 { uma na paz angélica douada,
 { outra pelas batalhas sanguinosas;
 em vós esperam ver-se renovada aus memória obras veneras; [.]
 lá vós tem lugar no fin de idade, no templo de suprema Eternidade; [.] (st. 17)

⑤ de vós favor a um novo atrevimento.
 ② enquanto este tempo passa lento
 ④ de vós regarder os peçoço que o deixam;
 ⑥ peris incortando o sabão argento os vossos Argonallitos,
 { por que vós vijam que vós são vistos de vós no mar crado,
 costumam vós já a ser invocado. (st. 18)

③ Sublime Rei Mas,

São Paulo 8/3/1971
Sra. Krum

Exercice de Géométrie (exercice arithmétique)

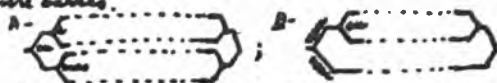


Ex. 24, 12/1/1921

A Radiografia de um texto. (" Principais convenções ")

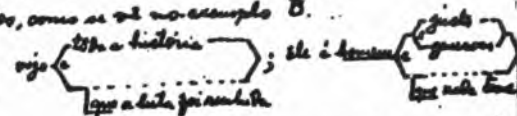
1- Cada oração, independente ou subordinada, ocupa uma só linha nestas radiografias, ou, se ela tiver membros coordenados, repetidos, justapostos ou apostos, cede as disposições em linhas paralelas dentro de garfos ou entre barras.

2- Os garfos de coordenação podem encerrar quaisquer membros do enunciado, bem como quaisquer orações da mesma espécie, períodos e parágrafos.



3- Nas correlações coordenativas os conectivos entram e descom as pontas dos garfos, como se vê no exemplo B.

4- Oração completiva ou adjetiva, coordenada a substantivos ou adjetivos, representam-se da maneira seguinte:

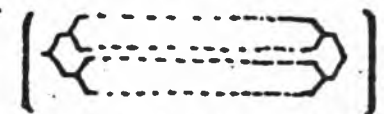


5- O fechamento dos garfos à direita só se impõe quando o fecho de termos ou orações à esquerda forma o que vem à direita; fora disso ele se faz apenas por uma razão de estética ou simetria do gráfico, no que, aliás, oferece recursos de controle.

6- O aposto se põe em linha paralela debaixo da expressão à qual ele se apõe, precedido de uma barra vertical em forma de L (isto muito frequentes aposições em sucessão).

7- Oração intercalada ou parentética, exclamativa ou não, vem em linha especial, debaixo da linha mestra dividindo-a, quando sobrar espaço dentro de parênteses; (isto vem) (outro a linha resta) [oração intercalada]

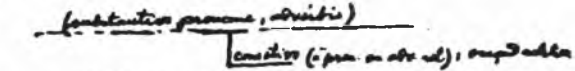
8- Um grande segmento parentético pode comportar vários elementos coordenados - membros do enunciado coordenados, orações coordenadas, ocupando várias linhas secundárias entre grandes chaves:



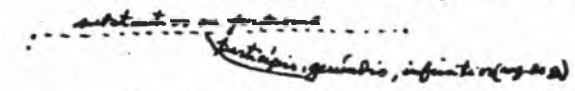
9- A oração subordinada completiva conjuncional ou interrogativa indireta sub-põe-se à subordinante, a cujo verbo ela segue, presa em L; (oração subordinante) verbo (oração completiva)

10- A oração subordinada completiva reduzida infinitiva também se põe em nível inferior ao da subordinante, mas cede sem "em rampa"; (oração subordinante) verbo (oração infinitiva)

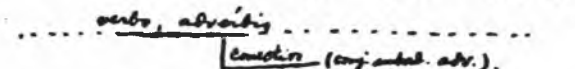
11- A oração subordinada relativa se põe também debaixo da subordinante, cujo núcleo é o antecedente do relativo (substantivo, pronome, advérbio):



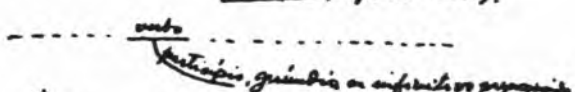
12- A oração subordinada adjetiva reduzida participial, gerundial ou infinitiva (regida de p), se põe debaixo da subordinante em linha recuada: seu núcleo é o substantivo ou pron. que ela modifica:



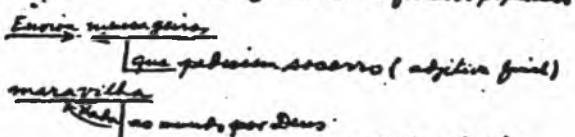
13- A oração subordinada advérbial conjuncional se põe debaixo da subordinante, saindo do verbo ou de um advérbio desta:



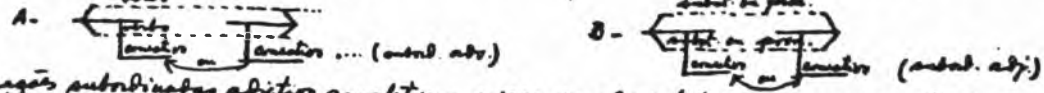
14- A oração subordinada advérbial reduzida participial, gerundial ou infinitiva se põe debaixo da subordinante em linha recuada, e tem como núcleo naquela o verbo:



15- Nas orações subordinadas adjetivas-advérbias, o verbo da subordinante ou o pronome ou substantivo que disputam ou partilham o papel de núcleo são sublinhados, por estes que se apontam uma à outra:



16- A oração subordinada advérbial ou adjetiva (conjuncional ou relativa) que se liga a dois núcleos coordenados subordinantes assim se representa:



17- Nas orações subordinadas adjetivas completivas o pron. ou adv. relativo vem na mesma linha de ligação seguinte ou do elemento interrogativo, ou do verbo no infinitivo; isso porque o relativo exerce função intra-orçã completaiva.

18- As relativas indefinidas quem (= aquele que ou alguém que), quantos, a, os, os (= tanto, tanto, todos, todos, todos... quantos, a, com esta reversão para o lugar vago do núcleo).

19- Palavras elípticas ou omitidas por Zeugma vêm dentro de elipses; (isto); e também (dizem);

20- A coordenação assindética se indica por um X no vértice dos garfos.

21- O objeto indireto minado ou indeterminável se indica por um X na linha da oração.

22- Os números ①, ②, ③, etc. restituem a ordem usada pelo autor do texto

São Paulo, setembro de 1971
L. H. H. H.

meu ver bastante fecunda, dos constituintes imediatos, lançada por Bloomfield e sistematizada por Hockett e outros (8) Assim também os estudos de sintaxe estrutural de Tesnière e as análises da gramática gerativo-transformacional — sem as equações e siglas, que dão cartaz à estrutura, mas hermetizam a mensagem, que é um dos objetos da análise que aqui proponho — lançam novas luzes e muito intensas sobre muitos dados da gramática tradicional.

Já desde os tempos do ginásio, tendo tido um professor muito equilibrado e competente no ensino da língua em toda a sua amplitude, achava eu injusta essa carga contra a gramática. E lembro-me de que a meus colegas que criticavam o método de diagrama — que não era, diga-se de passagem, o adotado ou defendido pelo Prof. Saint-Clair (9) — eu alegava que ninguém, na química, chamava de *formalista* a fórmula de constituição da molécula. E ajuntava que o diagrama da oração ou do período — hoje eu diria também *ou do texto*, prosa ou verso — era, por assim dizer, a sua “fórmula de constituição”

Clamava-se também contra os vários nomes e tipos de orações independentes, distinções baseadas em velhas teorias psicológicas, como a das faculdades da alma — intelecção, afetividade e volição —, acrescentando-se que se podia exprimir vontade por meio de declarativas ou interrogativas, negar ou afirmar enfaticamente por meio de perguntas, atenuar perguntando ou usando para isso o futuro ou o passado com valor de presente. Eram objeções que se refutavam a si mesmas, pois quem as fazia revelava com isso ter aprendido da técnica que criticava.

No que tocava às independentes ou subordinadas, lembro-me de que o Prof. Saint-Clair — que nada podia conhecer de lingüística geral ou das fortes reservas desta à significação, por ser a língua “forma e não substância”, pois essas idéias não tinham ainda embarcado para cá — nos advertia que os nomes das orações eram importantes, e que o saber que uma era consecutiva, outra causal, outra concessiva, outra condicional, tinha interêsse para a interpretação do texto. Está claro que eram observações de caráter muito elementar, mas nossa capacidade não podia agüentar doses mais fortes. Quanto à terminologia, lembrava êle que a precisão terminológica era necessária à comunicação do pensamento.

8) — L. Bloomfield — *Language*. New York, Henry Holt, 1933 (pp. 161 e 209). Charles F. Hockett — *A Course in Modern Linguistics*. New York, Macmillan, 1958 (caps. 17 e 18), pp. 127-126 e 157-165).

9) — Prof. José Saint-Clair Magalhães Alves, meu professor de português no Ginásio Mineiro de Muzambinho, entre 1930 e 1934.

Havia naturalmente deficiências, algumas das quais já foram apontadas acima. As mais graves, a meu ver, hoje, são as seguintes. Em primeiro lugar, o que se aprendia de orações subordinadas, no que toca à sua função, era lacunoso: as adjetivas podem ser reais ou potenciais; as condicionais e as concessivas podem ser reais, irrealis e potenciais; as temporais podem ser reais e potenciais, e de anterioridade, posterioridade e simultaneidade; as consecutivas podem ser de simples resultado ou consecutivo-finais. E tudo isso a análise ignorava ou dispensava totalmente. A deficiência não era de todas as gramáticas; portanto, não era da tradicional. Em segundo lugar ignorava-se completamente o discurso direto e o discurso indireto, prêsso ou livre, e, conseqüentemente, a interrogação indireta (10). Além disso, a velha classificação dos períodos em simples, composto por coordenação, composto por subordinação, e complexo (ou por coordenação e subordinação), por si só era inoperante, pois isso não dava a distribuição das relações dos vários membros do período, isto é, não se indicavam os nódulos das coordenações e das subordinações. Em quarto lugar, faltava o tratamento melhor dum problema assaz importante de morfo-sintaxe, que é o uso dos tempos e especialmente dos modos na oração subordinada. Finalmente todo o sistema de relacionantes estava muito mal estudado, nas suas funções e na sua caracterização. Muitas gramáticas ainda hoje ignoram certas funções das conjunções coordenativas, a função de conectivo dos interrogativos, cumulativa com a de membros da sua oração nas interrogações indiretas, e a imporância dos pronomes como elementos relacionais. A *Gramática Secundária* e a *Histórica* de Said Ali, a *Sintaxe Histórica* de Epifânio Dias, as *Lições de Português* de O. Mota, a *Gramática Expositiva* e a *Histórica*, de Eduardo Carlos Pereira, a *Gramática Portuguesa*, de Mário de Souza Lima, não ignoravam muitas dessas questões. Mas de um modo geral se pode dizer que a nossa era bem mais deficiente que as estrangeiras e as clássicas greco-latinas.

A gramática latina, que era descritiva, e muitas vezes bastante objetiva e assim também a grega do tipo das de Hadley e Allen (Curtius) ou de Goodwin (11), e outras estrangeiras, eram exce-

10) — M. Said Ali — *Grammatica Secundaria da Lingua Portugueza*. 4ª edição, São Paulo, Melhoramentos, (s/d), Ver, por ex., orações hipotéticas, pp. 187-190; concessivas, p. 190-193; etc.; interrogativas indiretas, p. 182. Augusto Epiphânio da Silva Dias — *Syntaxe Histórica Portugueza*. 3ª edição, Lisboa, Livr. Clássica Edit., 1933.

11) — Citem-se apenas, em menção sumaria, entre as tradicionais latinas, a *Gramática Latina* de Ravizza, a *Institutio Grammatica* de Emmanuel Alvarus (8ª ed. de 1927) ou a *Grammatica Classicae Latinitatis ad Alvari Institutiones doctrinamque recentiorum conformata*, etc. pelo P. J. Llobera S. J., de 1919-1920, a *New Latin Grammar*, de Allen and Greenough, revista em

lente ajuda para quem as consultasse e soubesse refletir na base do *mutatis mutandis*.

Como, porém, a latina funcionava mal no curso secundário, a grega inexistia, a estrangeira não chegava a ser estudada, nosso recurso era a nossa com as suas deficiências. Mal aplicada, assim como a retórica, que é mais ou menos a estilística da época, foram ambas criticadas como inúteis. Dizia-se então, como ainda se diz: “Mais vale a prática do que a gramática” Mas que eram necessárias se vê pelo grande interesse moderno na descrição lingüística, que é um sucedâneo da análise fonética, léxica, morfológica e sintática tradicionais — por certo inteiramente renovadas e transformadas —, e pela ressurreição do interesse na nova retórica.

A respeito da nova retórica vale a pena lembrar dois ou três períodos que iniciam o primeiro e o terceiro parágrafo da “Introduction” duma *Rhétorique générale* saída à luz na França no ano passado, obra coletiva de Jacques Dubois e outros:

“Comme l’histoire politique, l’histoire des idées a ses declins et ses renouveaux, ses destitutions et ses réhabilitations. Qui aurait soutenu, il y a une dizaine d’années, que la Rhétorique allait redevenir une discipline majeure aurait prêté à rire.

Or, la rhétorique apparaît aujourd’hui non seulement comme une science d’avenir, mais encore une science à la mode, aux confins du structuralisme, de la nouvelle critique et de la sémiologie” (12).

Quem assume posição de meio termo, não desdenhando o passado e com o espírito aberto às inovações, se recebe luzes de dois lados, fica entre dois fogos nas horas de luta, mas delicia-se mais do que os próprios saudosistas ante essa vertigem de transições destas épocas de transição e compreende bem a filosofia do nosso ditado popular que sentencia irônicamente: “Não há nada melhor do que um dia depois do outro” À gramática e à retórica se fizeram críticas severas e ridicularizantes: eram formalistas e vazias. À lingüística e à nova retórica ainda não se começou a criticar.

1903 (4ª ed. de 1931), a 1.ª edição de *A Greek Grammar for Schools and Colleges* de James Hadley, de 1860 (2ª ed. de 1884), que é adaptação inglesa da de Georg Curtius, que saiu em 1852, 1855, e 1857 e 1859. Estou lembrando apenas gramáticas tradicionais, mas objetivas, da língua culta, descritivas, anteriores à crise da gramática entre nós. Nem menciono as obras de Laurand, Meillet, Laurand et Lauras, que hoje também já seriam “tradicionais” Todas elas, estas e as outras, teriam muito a dizer para renovação

12) — J. Dubois e outros — *Rhétorique générale*. Paris, Libr. Larousse 1970, (Centre d’études poétiques, Université de Liège) (p. 8).

Estas considerações são feitas para que ninguém fique muito escandalizado, ao ver que a base dos meus diagramas é em grande parte a dessa velha gramática e dessa velha retórica, tão criticadas e tão defeituosas. Creio, porém, que essa base não está na parte que merece crítica, e, sim, naquela que se alinha na tradição da verdade a que todos aspiramos. Ainda hoje, quando abro algumas das gramáticas latinas e gregas que atrás citei em nota, penso — sem desdenhar outras mais modernas, iluminadas pelos estudos lingüísticos destes últimos decênios — como os estudos clássicos, especialmente os das gramáticas das línguas clássicas, irão ainda fazer alta para a visão mais ampla do texto, do de orações curtas e do de períodos longos, que um e outro tipo continuam comuns até no estilo da crônica.

2 — *Histórico do método e algumas das suas implicações.*

Em 1915, Otoniel Mota, então professor do Ginásio do Estado em Campinas, impressionado com vários problemas do ensino ginásial de português, entre os quais o que êle chama “o método sintético” e “uma terminologia rebarbativa”, introduziu no Brasil, em seu livro, *Lições de Português* (13), “o processo americano dos diagramas” A única informação que êle nos dá quanto à origem da técnica é a do § 6:

“Como corolário do método analítico, aplicou-se o processo americano dos diagramas, de cujo valor pedagógico, admirável, se convencerá qualquer professor que lhe beber o espírito. Mas, como disse um professor americano, é êsse um andaime que se deve tirar, logo que a casa esteja pronta”

Em livro recente, de 1956, *Linguistics and English Grammar*, trabalho muito interessante de um lingüista americano H. A. Gleason, Jr. (14), podemos descobrir qual teria sido a fonte de Otoniel Mota: não deve ter sido outra que a obra de Alonzo Reed e Brainerd Kellogg, *Higher Lessons in English*, de que havia saído a 4.^a edição em 1909, apenas cinco anos antes da 1. edição das *Lições* (15) Os diagramas usados por Gleason Jr., com base nos de Reed e Kellogg, coincidem totalmente com os de Otoniel Mota.

13) — Othoniel Motta — *Lições de Portuguez*, 1.^a edição, Campinas, Typ. Livro Azul, 1915 (o § 6 adiante citado está nas pp. IV-V).

14) — H. A. Gleason, Jr. *Linguistics and English Grammar*, New York, Holt, Rinehart and Winston, Inc. 1965 (Preliminary Edition, 1963). A informação e o uso dos diagramas de Reed e Kellogg estão nos caps. 7 “Structure Relations”, pp. 138-151 e 13, “Clause Patterns”, pp. 299-310. (Agradeço ao meu aluno e colega, Pe. José Amaral de Almeida Prado, ter chamado minha atenção para essa obra).

15) — Em nota 7, à p. 142, informa Gleason Jr. que da obra de Reed e Kellogg saíram edições em 1877, 1885 e 1896, mas êle só conhecia a

Ali por 1937, o Prof. Otoniel Mota me contou um fato curioso. Disse que, tendo de analisar uma oração em que entrava a locução *cêrca de* — do tipo *cêrca de cinqüenta pessoas assistiram à luta* —, tomou logo essa expressão por locução prepositiva, mas, quando foi pôr a oração em diagrama, viu que era locução adverbial. Perguntou então o que era *cêrca de* a Eduardo Carlos Pereira, seu colega e amigo. A resposta pronta foi: “Locução prepositiva” Proposta a oração a analisar, Carlos Pereira hesitou, trepidou, e disse: “Não! É locução adverbial!” Otoniel concluiu essa história, dizendo (e aqui eu cito precisamente as suas palavras): “Então, eu pensei: se êste método me ensina a mim, deve servir para ensinar também aos alunos!” (16)

Na verdade, apesar da análise, parece que *cêrca de*, assim como *por*, *perto de*, e o anglicismo *em tôrno de*, *em redor de*, trazindo *about*, o próprio *about* inglês, o *ad* latino regendo o acusativo, ἀμφὶ e περὶ gregos com a mesma regência, usados com numerais ou com termos de medida, para indicar idéia de “aproximação”, continuam sendo preposições ou locuções prepositivas. Conceber *cêrca de* como locução adverbial é raciocinar assim: *cinqüenta* modifica *pessoas*, logo é adjetivo; *cêrca de* modifica *cinqüenta*, equivalendo a “aproximadamente”, logo é locução adverbial. Mas, se as formas portuguesas e inglesas não denunciam a sua regência pela ausência de flexão casual nessas línguas, o *ad* latino e o ἀμφὶ e περὶ gregos regem acusativo, o que é traço característico de preposição, e não do advérbio. Isto, porém, não invalida a conclusão de Otoniel Mota quanto ao método. O diagrama obriga a escolher uma solução, enquanto a análise por etiquetagem dispensa por vêzes a precisão: basta-lhe o nome com que se batiza o fato!

Além das *Lições* de Otoniel Mota, apareceu ali por perto de 1930 um outro livro, de Silvio Aguiar de Sousa, com o título *Análise Lógica no diagrama*, pelas Edições Melhoramentos. Em 1935, em *O Idioma Nacional na Escola Secundária*, Antenor Nascentes dedicou alguns poucos parágrafos objetivos ao diagrama, mas não muito entusiastas, salientado antes o seu mérito como processo didático:

4.^a, 'a de 1909. Ainda nessa nota e na seguinte, indica dois outros livros recentes que usam o mesmo sistema de diagramas: Homer C. House e Susan Emolyn, *Descriptive English Grammar*, 1950 (2^a ed.), Pence e Emory, *A Grammar of Present-Day English*, de nível de curso superior e com alterações.

16) — Parece estranho ser necessário tentar o diagrama para solver o problema, visto que o colega, sem o diagrama, vislumbrou a mesma solução. Isso, porém, foi *in illo tempore*: os dois eram jovens e nossos estudos gramaticais, também.

“Muito interessante o diagrama; não como processo de pesquisa, mas sim como processo de disposição. Permite uma visão sinóptica do período.

O difícil é reconhecer os têrmos. Uma vez reconhecidos êles, o diagrama os dispõe, embora não tenha ajudado a descobri-los.

O diagrama agrada sobretudo aos alunos pouco amigos da abstração” (17)..

Não sei se é justa a crítica do Pro^o Nascentes, apesar de simpática e serena. Fixado o critério — o traço principal contém os elementos essenciais, os outros traços horizontais abrigam substantivos em função de complementos secundários relacionados com os que ficam em cima, adjetivos e advérbios ficam em traços oblíquos debaixo das palavras com que se relacionam, etc. —, o “pesquisador” vai resolvendo os problemas por partes e, à medida que os resolve, vai “fotografando” a oração. Qualquer êrro ficará depois bem à vista. Então isso não depura o método de trabalho?! É evidente que nenhum recurso ou técnica funciona para quem ignora a coisa. Não se pode esperar que o diagrama seja uma muleta mágica!

Em 1941, um professor maranhense, José Aguirre, publicou no Rio de Janeiro um livro muito curioso, que eu, infelizmente, só vim a conhecer no ano passado. Intitula-se *Análise Léxico-Sintática Simbólica* e revela desde o frontispício notável capacidade criativa do Autor, apesar de certas esquisitices. A terminologia é a tradicional, a linguagem do prefácio — intitulado “Meu Depoimento () ao aluno () ao professor () ao crítico” — assaz “pitoresca”, os símbolos por vêzes meio complicados. Mas os quadros e, sobretudo para o caso que aqui nos interessa, os diagramas dispersos pelos caps. 14, 15 e 20-26, que destacam os elementos compostos e as coordenações nas orações, são muito interessantes (18) Êsse livro, no entanto, parece não ter tido grande eco.

Os esquemas com que o Prof. João Luiz Ney ilustrou a *Teoria da Correlação* de José Oiticica saíram em 1952. Não sei qual a origem das convenções adotadas, e expostas em 10 itens na Introdução, nem quando o Autor começou a usar a técnica. Também é obra que só vim a conhecer no ano passado. Cumpre

17) — Antenor Nascentes — *O Idioma Nacional na Escola Secundária*. São Paulo, Comp. Melhoramentos, 1935 (Prefácio) (Bibl. de Educação vol. XXIV).

18) — José Aguirre — *Análise Léxico-Sintática Simbólica*. Rio de Janeiro, Companhia Ed'tora Americana, 1941.

notar, porém, que tanto as convenções de J. L. Ney como as de J. Aguirre são de linha completamente independente das de Otoniel Mo'a, que reproduzem as de Reed e Kellogg.

Seja como fôr, é certo que o diagrama não teve entre nós a penetração e a radicação que teria sido desejável. Surgiu numa época de desprestígio da análise, exigiu-se dêle o que não cabia, muitos ignoraram as suas potencialidades, outros os combateram sem se terem dado o trabalho de compreendê-los, apegando-se aos devaneios terminológicos ou, se me é permitido, “às embromações” terminológicas, que os diagramas, obrigando a dar tudo, inclusive as relações, a colocar cada peça no seu lugar, e abolindo a terminologia, afastariam inevitavelmente.

Entretanto, nos Estados Unidos os diagramas de Reed e Kellogg continuaram usados até hoje. Manuais escolares, como o *American College Handbook* (em 1960) (19), obras de lingüística moderna, como *Transformational Grammar and the Teacher of English* (em 1965) — esta é verdade que para mostrar que é só a árvore transformacional que dá a estrutura profunda — reconhecem o seu uso ou a sua utilidade. Eis o que a respeito dêles diz o segundo:

“Although some authors admit that diagraming has shortcomings they nevertheless conclude that diagraming is an aid to understanding sentence structure. But as we have already noted, diagraming reveals only the surface structure of a sentence. Surface structure can frequently be misleading, and may in fact seem entirely arbitrary unless we know the derivational history of the sentence” (20).

Outro testemunho, êste de apologia e de grande autoridade, é o do já citado H. A. Gleason, Jr., que, reconhecendo embora que os diagramas têm sido ignorados ou desdenhados de lingüistas americanos, insiste na sua importância para visualizar a estrutura da oração”, não ocultando o seu entusiasmo:

“I have tried, for example, to give a fair presentation of the strengths of school grammar and of diagramming — the latter has

19) — William E. Bucker e William C. Mac Avoy — *American College Handbook of English Fundamentals*. New York, American Book Company, 1960 (pp. 82-100; 123-132; 160-168)

19) — Owen Thomas — *Transformational Grammar and the Teacher of English*. 1ª edição, New York, Holt, Rinehart and Winston, 1965 (p. 214). Na p. 30 e nota 6, o A. mostra em que a árvore transformacional é superior ao diagrama da gramática tradicional.

fascinated me since seventh grade, and I have continued to use it myself as a convenient and revealing way to visualize a sentence structure” (21).

Isto é o que êle diz no *Preface*. No cap. 7, que trata de “Syntactic Relations” (pp. 138-167), em que êle dá as técnicas tradicionais de exame da oração e introduz e exemplifica os diagramas de Reed e Kellogg e os dos constintuintes imediatos, diz êle o seguinte:

“The Reed Kellogg scheme was designed to reflect the base-and-modifier description which prevailed in American school grammar. With varying amounts of modification, much of it simply abridgment, it continues in use in many school text-books. It has received very little attention from linguists or university scholars, and is pecuiliary the property of the public schools and of English departments strongly oriented toward the public schools. Indeed, linguists have tended to dismiss it out of hand (*). But it is actually a very effective device for exhibiting the school grammar analysis of English sentences, and so will be used here as a convenient tool in contrasting the base-and-modifier technique with others. In any case, any underlying analysis or of misuse in the school, not of graphic device” (22).

É um longo trecho, mas êle me parece importante por ser de quem é, ser atual e responder a tôdas as críticas que se têm feito ao método. A seguir êle ilustra o funcionamento dos diagramas de Reed e Kellogg, dedica os caps. 10, 11 e 12 à gramática transformacional e volta aos nossos diagramas no cap. 13, que trata de “Clause Patterns” (23)

21) — *Op. cit.*, na nota 14, “*Preface*” p. VIII. H. A. Gleason (ou, na versão castelhana, H. A. Gleason Jr.) é o autor de *Introduction to Descriptive Linguistics*. Seria o mesmo o A. da presente obra?

22) — *Idem, ibid.*, p. 142-143.

23) — O equilíbrio e a largueza de visão do A. se revela nessa apresentação serena e no aproveitamento de três processos de esquematização, que para outros, p. ex., Owen Thomas, cit. na nota 19, se interditariam mutuamente. E cabe ainda notar que a sua apreciação pelos nossos diagramas é insistentemente confessada. Na nota 9, presa a uma chamada que no texto citado (143) eu substituí por um (*), êle diz (traduzo agora esta citação):

“Há alguns anos, fiz uma enquête entre vários lingüistas e professôres de inglês de formação lingüística. Não encontrei nenhum que revelasse conhecer algo sôbre os diagramas e encontrei poucos que pudessem citar uma fonte de informação segura.

A maioria dos professôres de inglês das escolas primárias sabem traçar diagramas, mas poucos sabem algo sôbre sua origem e sua história, e, o que é mais grave, poucos entendem seu fundamento. O resultado disso é que êles

Em 1932, Lucien Tesnière, eslavista francês, concebeu a idéia de ilustrar a sintaxe por meio de gráficos, que êle chamou *stemmas*, que em português poderíamos adaptar para *estemas*, termo de origem e de sentido preciso, diverso do de *schema*, port. *esquema*, “forma”, “figura”, mas que hoje quase se equivalem. O termo de origem e de sentido preciso, diverso do de *schema*, port. “coroar”, e é cognato de στεφανος, “cêrca”, coroa” donde o nosso *Estevão*. Mas é provável que a idéia de *stemma* para Tesnière na representação da estrutura da oração tenha sido inspirada antes pelo plural στέμματα, que já é documentado em latim como “árvore genealógica” (cf. Juv., *Sat.* VIII, 1 e Plínio, *H. N.*, XXXV. 6, noção já comum na linguagem da Filologia: *estema de manuscritos*).

Em 1934, êle publicou no *Bulletin de la Faculté des Lettres de Strasbourg* um artigo sôbre “Comment construire une syntaxe” Em 1935, passou a usar o método em classe e, em 1936, no ensino público em Estrasburgo. Em 1936, indo à Rússia, lá encontrou o uso de estemas, que já datava de pelo menos 1929, sem que êle tivesse disso conhecimento (24) Tesnière nada fala dos diagramas americanos. Não é de espantar, visto que, como diz Gleason Jr., também lingüistas americanos os deixam de lado.

Em 1953, um ano antes da sua morte, Tesnière publicou pela Livr. Klincksieck de Paris uma *Esquisse d'une syntaxe structurale*, de 30 páginas, em formato grande. Deixou preparada a sua monumental obra *Eléments de syntaxe structurale*, que saiu em 1959, e em 1969, em 2ª edição. Os estemas de Tesnière diferem dos dos russos, que consideram verbo e sujeito em oposição recíproca, ao passo que êle toma o verbo como centro do qual dependem sujeito e complementos verbais (a funções primárias de Martinet (25) As linhas dos estemas de Tesnière de um modo geral descem obliquamente do verbo, que ocupa o vértice do ângulo no alto, se único, ou ocupa tôda a linha horizontal superior, se fôr predicado composto ou contiver elementos repetidos. Embaixo de cada termo que exerça função primária, ligados em linhas em geral oblíquas a êle, agora núcleo, vêm os que o modificam ou o complementam. Nos capítulos finais — *Livre F: Applications* — Tesnière

têm sido ensinados como uma operação mecânica e sem sentido, completamente repudiados pela maioria dos mestres e por quase todos os estudantes.

Os diagramas tornaram-se um alvo da crítica por parte do ensino gramatical antiquado. Boa parte do ataque e da defesa se baseou na ignorância, sem dúvida alguma. A maior dificuldade com os diagramas de Reed e Kellogg tem sido sobretudo o mau ensino”

24) — Lucien Tesnière — *Eléments de syntaxe structurale*. Deuxième édition revue et corrigée. Paris, Libr. Klincksieck, 1965, p. 15, nota 1.

25) — *Eléments de linguistique générale*, 3ème tirage, Paris, Libr. Armand Colin, 1967 (1-18, p. 118).

aborda “o estema integral”, a “utilização do estema para o estudo do estilo”, “a frase retórica” e “o período curto” (caps. 272-275), dando alguns estemas de textos de la Fontaine (*La cigale et la fourmi*), Sully Prudhomme (*Le vase brisé*), de um período de Platão (*Ion*, 539), de outro de Tácito (*Diálogo dos Oradores*, 34), de Voltaire (o epigrama sobre Jean Fréron) e de trechos de Corneille, Racine e Vítor Hugo (*Polyeucte*, *Le Cid*, *Athalie* e *Booz endormi*, todos de 10 versos para menos)

Só no ano passado tomei conhecimento mais sério dos *Éléments de syntaxe structurale*, tendo-me interessado sobretudo, no momento, os estemas integrais, que são interessantíssimos, com o defeito de que, para o meu caso, o detalhe perturba a visão do todo. Dá-se o mesmo com os diagramas de Otoniel Mota e, até, com os da teoria dos constituintes imediatos. E foi êste problema — impedir que a análise prejudicasse a visão sintética, funcionando embora como análise — que provocou a idealização dos esquemas que aqui apresento como uma contribuição modesta, mas que me parece real e oportuna.

O problema básico é o seguinte. O texto é uma árvore fronsa ou uma floresta. As folhas e flôres, numa, ou as árvores, os cipós e as demais vegetações, na outra, desaparecem no todo, quando se olha de fora ou de longe, ou velam a visão de conjunto, se examinadas de perto ou de dentro. Ver de perto ou de dentro é analisar. Olhar de longe ou de fora pela primeira vez, sem submeter o todo ao esmiuçamento da análise, é ter uma visão impressionista, que pode trazer emoção estética, mas não explica nada. E analisar é perder a visão do todo, reconstituir o todo anatomizado pela análise num quadro ou em alguns quadros, que possam ser eventualmente condensados num único quadro, é não só aproveitar os dados da análise para sondagem estrutural, mas também restituir a unidade pela visão sintética — *visão* no sentido literal, porque é pôr diante dos olhos ao mesmo tempo a unidade e as partes do todo. Isso, no entanto, só é possível se não se der atenção aos detalhes, que, do ponto de vista da mensagem conceptual, volitiva ou afetiva do texto, podem ser absolutamente inúteis.

Em 1944 ou 1945, eu dava aulas de latim no Colégio Bandeirantes e estava traduzindo com a classe o *Exórdio das Georgas* (I, 1-42) Meu sistema era traduzir, com a ajuda dos alunos, uns cinco ou seis hexâmetros por aula. Ninguém anotava nada na hora da tradução. Depois de feita esta, discutidos os problemas fundamentais de gramática e léxico, refazia-se a tradução fluentemente: aí é que dela tomavam nota.

Pudemos ver a proposição e a invocação até o verso 23, dentro da média de cinco ou seis hexâmetros por aula. Mas do verso

24 ao 42, são 18 versos, num período único. Na ocasião, por vãos temores meus, eu não quis traduzir *Tuque adeo* () *Caesar* (vv. 24-25) e depois saltar aos versos 40-42, deixando as orações incidentes para outro dia. Dessa vez, tive de ir sozinho. No fim da aula eu estava cansado e desarvorado, e os alunos me disseram, desapontados: “Professor, nós aceitamos a sua tradução, mas não conseguimos acompanhá-lo” Respondi-lhes, meio confuso, que eles tinham razão, mas que na aula seguinte entenderiam.

Foi aí que pensei em casa: há de haver um jeito de se libertarem os diagramas do Prof. Otoniel Mota de tôdas as complicações internas, e de se conseguir desfolhar e podar a árvore e pôr à mostra o conjunto dos grandes galhos. Algumas sugestões da poesia bíblica e da poesia moderna, que oferecem disposições exegéticas, e também duns esquemas de análise de discursos ciceronianos, que eu gostaria muito de poder documentar aqui, ajudaram-me a aliviar as frondes do período, que eu esbocei numa página e na aula seguinte à que me desarvorara pus a “radiografia” daqueles 18 versos no quadro. O quadro nº 1 do encarte que traz os diagramas no fim dêste trabalho reproduz aquela primeira esquematização (*). Quando, olhando todos para o quadro, traduzimos os 18 versos, o semblante de vários estudantes brilhou, e, no fim, êles disseram: “Agora, sim, nós não só entendemos a tradução, mas também vemos as grandes divisões do texto e percebemos o seu valor literário!”

Passsei então a aplicar o método nas classes de latim, quando aparecia algum período complexo. Um ou outro texto grego, textos românicos medievais, odes de Horácio, se foram acumulando esquematizados em rascunhos. Mas tudo feito entre quatro paredes e a serviço da sintaxe do período. Em junho de 1955 na Associação de Estudos Clássicos, e, pouco depois, na Sociedade de Estudos Filológicos, apresentei alguns textos em projeção, sob o título: “O interêsse de um método gráfico para o estudo e ensino da estrutura da frase” (26), sempre dentro do plano sintático-estilístico.

Quem “me deu a dica” de que o método devia ser melhor explorado no texto foi o saudoso amigo e colega, Prof. Armando Tonioli, com quem eu sempre trocava idéias e que, na sua aula de concurso de Livre-Docência (dez. de 1963) e, depois, na aula inaugural de 1964, em nossa Faculdade, dêle se serviu para reparar no quadro-negro as *Odes* III, XXX e I, III de Horácio. Naturalmente, a sólida experiência e capacidade didática daquele colega por si só obteria excelente resultado, mas o método diagramático não lhe estragou as aulas. Naqueles momentos eu senti que se impunha ir além da sintaxe e da estilística do período, ir à expli-

(*) — Os encartes deviam ter sido postos no fim, mas foi preciso pô-los entre as pp. 16 e 17, por motivos técnicos.

cação literária, preparar a técnica como um recurso de ensino audio-visual. Faltavam, porém, ainda os recursos técnicos.

Em 1968 êsse empecilho começou a ser afastado. Pude preparar os “bonecos” para, graças à dedicação de uma auxiliar, mimeografar dois textos: “A môsca azul”, de M. Assis, e “Caçada de paca”, de Rubem Braga. Depois, elaborando os esquemas a mão para copiadores de álcool, fui multiplicando os textos esquematizados: de Raimundo Correia, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Camões, Gonçalves Dias, Vicente de Carvalho, Amadeu Amaral, Cecília Meireles, Mário Palmério, Alphonsus de Guimaraens (pai e filho), Jorge de Lima, Vitor Hugo, Vigny, Francis Jammes (27) La Fontaine e João Cabral de Melo Neto. O “Episódio das Bandeiras” (*Lus.*, VII: 73 — VIII: 44) compreende 68 estâncias, ou 544 decassílabos, e “La maison du berger”, agora feita integralmente em rascunhos, 336 alexandrinos. Alguns, como “Pavana para uma defunta”, de Jorge de Lima, “E agora, José”, de Carlos Drummond de Andrade, e outros, saíram com notas de subsídios para comentário estilístico a partir da sintaxe. Estão hoje reunidos cêrca de 400 textos esquematizados, vários de prosa, a maioria poéticos, em latim, francês, português arcaico, e, como se viu acima, a maioria em português moderno, êstes só de Literatura Brasileira (28)

De 1968 até agora, sempre aplicando o método à explicação da estrutura sintático-estilística e à partição do texto, assim como também a paralelismos e contrastes semânticos que o esquema põe à mostra, em seis aulas ou demonstrações e em três cursos ou aulas especiais (29), divulguei por cópias mimeografadas e ultimamente em “offset” cêrca de 70 textos barrocos, parnasianos, simbolistas, modernos, sendo apenas cinco em prosa e de escritores modernos.

Uma das aulas foi a aula inaugural no Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de Goiás, em

27) — “*Oceano Nox*”, “A quoi songeaient les deux cavaliers”, “La maison du berger” (7 primeiras estrofes) e “La Salle à manger”, apresentados numa aula, em curso de férias de francês, em julho de 1969.

28) — Meu objetivo é reunir uma coleção suficientemente ampla de esquemas de textos completos nossos, de várias épocas e gêneros e escolas, para uma eventual tentativa de classificação de tipos, de acôrdo com os dados da “recomposição”

29) — Essas aulas, além das já mencionadas, foram: uma em curso de férias da nossa Faculdade, em julho de 1969, outra, em outubro de 1969, na F.F.C.L. da P.U.C. em Campinas, outra também em outubro de 1969, no Inst. de Educação de Fernandópolis, ainda outra, na mesma época, em reunião do Grupo de Estudos Lingüísticos (GEL), em S. José do Rio Preto, e uma apresentação de esquemas de Amadeu Amaral, em conferência sôbre a sua poesia, em agosto de 1970, em Capivari.

março passado. Em dois cursos de português na Faculdade de Formação de Professores de Caxias (Maranhão), em janeiro e julho de 1969, tôda a explicação se fêz por êsse método. Em abril, dei um curso de uma semana na Universidade Federal de Santa Catarina, tendo usado em esquemas vinte e três textos. E em julho no II Curso Integrado de Literatura, Língua e Lingüística, promovido pela Reitoria da Universidade de São Paulo, organizado pelo Grupo de Estudo e Pesquisa para o Ensino do Português, com a colaboração dos Departamentos de Letras e do Centro Acadêmico de Estudos Literários da nossa Faculdade, em cêrca de 12 horas de estudo, dei um curso de 4 dias sôbre a “Abordagem Lingüística do Texto”, após uma introdução sôbre a estrutura do enunciado, a do período e a do texto, e analisei nove textos de uma série de vinte e cinco que publiquei esquematizados em “offset”

Nessa ocasião já havia publicado na *Revista Camoniana*, vol. 3 (1971), um artigo intitulado “Camões em três Lances”, com esquematização e análise das 18 estâncias (144 decassílabos) que constituem o Exórdio de *Os Lusíadas*, em seis quadros, em encarte impresso em “offset” Êsses gráficos foram já por mim alterados e aqui se publicam em apêndice, sem qualquer outro exame, não só para se divulgarem as correções, mas também para, num esquema condensado dos seis quadros numa só página, dar uma visão de conjunto da estrutura das três peças do exórdio, e reunir, no quadro nº 8, 22 observações sôbre a técnica dos diagramas usados.

O diagrama completo constitui as duas primeiras fases: “decomposição” e “recomposição” A decomposição é o “desfraseamento” total — toma-se aqui *frase* como equivalente a “oração” —, de modo que cada oração ocupe uma linha, as independentes coordenadas umas às outras, as subordinadas saindo embaixo, da ponta das subordinantes, em geral do verbo, se completivas, e do meio das subordinantes, se modificadoras adjetivas ou adverbiais. Não se altera a ordem dos termos, salvo quando houver interpenetração de termos duma oração noutra, caso em que o próprio desfraseamento impõe a alteração da ordem, mas números dentro de círculos restituem para leitura a ordem original. Só se subentendem termos quando houver positivamente casos de elipse ou zeugma. Subentendem-se e põem-se dentro de elipses, mas não se lêem depois. Elementos internos da oração, coordenados, apostos, justapostos, repetidos, ocupam linhas paralelas, ligadas por garfos ou por barras verticais em forma de L esguio.

Realizado o processo de desfraseamento, se reúnem as várias orações por garfos à esquerda, fechados à direita só por estética

ou também para contróle. É a “recomposição” As ligações por garfos obedecem a um critério de oposições binárias. Se houver três orações ou três elementos coordenados, ou o segundo se liga ao primeiro, em oposição binária, e o terceiro ao bloco dos dois, também em oposição binária, ou o segundo se liga ao terceiro, em oposição binária, e, também em oposição binária, o bloco do segundo e terceiro se liga ao primeiro. Só na enumeração caótica é que poderiam surgir dúvidas quanto às ligações. Mas nesse caso a ligação é como na série dos números:

$$\{ [(a+b) + c] + d \} + e$$

O critério de escolha aí é ditado pela visão de maior afinidade entre os segmentos. Naturalmente, estruturas semelhantes e contíguas formam oposições binárias; na falta de semelhança ou identidade de estruturas, o ritmo dos segmentos pode ser o critério; na falta de dados de ritmo, o sentido pode ser o critério. Não se despreza a semântica, mas parte-se da forma. Entretanto, estrutura, ritmo e semântica se unem os três, muito freqüentemente.

Recomposto o texto, os garfos mostram as suas divisões e subdivisões em espécies de constituintes imediatos, sempre em partição dicotômica. Se se adotarem os elementos de partição — A, B, C, D, etc; I, II, III, IV etc.; 1), 2), 3), 4), etc.; 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, etc.; a), b), c), d), etc.; —, e com êles se marcarem as divisões e subdivisões e se arranjam títulos precisos para cada parte, tem-se o texto anatomizado, mas não *atomizado*, porque os garfos externos restituem a unidade: tem-se a unidade na variedade, a árvore e os seus galhos, a floresta e os seus componentes, ambos destacados.

3 — *Exame reflexivo do texto recomposto.*

Os quadros que o primeiro encarte representa são os seguintes:

- 1 — *Geórgicas*, I, 24-42 (latim): esquema primitivo (n.º 1);
- 2 — *Geórgicas*, I, 1-42 (latim): n.ºs 2 e 3, lidos de uma vez);
- 3 — *Geórgicas*, I, 1-54 (port.): duas págs. lidas de uma vez);
- 4 — Estema e esquema de “la Cigale et la Fourmi” (n.ºs 6 e 7);
- 5 — Amostras do sistema de Reed e Kellogg em port. (n.º 8);

Analisarei agora rapidamente apenas quatro dêsses cinco quadros gerais — visto que o n.º 4 não é matéria para discussão aqui —, começando por uma observação rápida sôbre o n.º 5, passando depois ao n.º 1, e examinando, comparativamente os esquemas do texto completo latino e português (blocos n.ºs 2 e 3).

a) — *Amostras do sistema de Reed e Kellogg.*

Pode-se ver, por uma comparação ligeira do diagrama n.º 6 dêsse quadro com o segundo braço do garfo do quadro n.º 1 do encarte do Exórdio de *Os Lusíadas*, no apêndice, como o sistema americano, analisando pormenorizadamente a frase simples, impede a visão global do texto. Pela mesma razão, a restituição da leitura é mais difícil.

b) — *Esquema primitivo de 1944.*

Esse quadro só considera a invocação a Augusto, distribuindo a matéria em três blocos. Vem em primeiro lugar o vocativo *Caesar* com o elemento principal do enunciado em quatro linhas saídas em seta, com os verbos no imperativo, que dão os pedidos do Poeta. Vem depois a oração sôlta de *incertum est*, que introduz as interrogações indiretas (pois *é incerto* = “não se sabe ainda”) em quatro blocos: 1) *quae concilia habitura sint* (o fato geral); 2) *ne velis an accipias* (deus da terra); 3) *an venias Tethys emat* (deus do mar); 4) *anne addas te* (deus do céu) Vem finalmente a oração de relativo-indefinido *quidquid eris*, que afasta diplomáticamente a hipótese de Augusto vir a ser deus do inferno, embora êste não seja tão feio como se pinta (*Graecia miretur Proserpina non curet sequi*) Apesar de certas soluções canhestras na esquematização, pode-se ver como o quadro realmente põe diante dos olhos os fatos esmiuçados e unificados ao mesmo tempo, o que explica o entusiasmo daquela classe de 1944.

c) *O exordium inteiro no original e na versão de Castilho.*

Para melhor compreensão dos fatos, importa que, antes de entrarmos no pormenor da análise dos dois diagramas, façamos algumas considerações de natureza mais geral.

O *exordium* consta de três partes: *propositio*, *inuocatio* e *dedicatio*. A *propositio* diz o que o Poeta irá fazer, a *inuocatio* deve dirigir-se à musa especializada no assunto proposto e a *dedicatio* ou homenageia a um amigo ou busca fundos para a sua impressão e distribuição, ou soma os dois objetivos. Frequentemente *propositio* e *inuocatio* se amalgamam; mais raro é amalgamarem-se *propositio* e *dedicatio*; mais raro ainda, *inuocatio* e *dedicatio*. Nas *Geórgicas* temos a dedicatória soldada na proposição e a segunda parte da invocação assumindo tom de dedicatória. Daí a sua partição dicotômica, só se transformando em tricotômica — tipo a + (b + c) —

pelo destaque que assume o segundo membro da invocação, encerrada especificamente com o verbo *assuesce uocari*.

É de especial significação a distribuição dos hexâmetros. A proposição-dedicatória consta de quatro hexâmetros e um hemistíquio, sendo a dedicatória expressa pelo vocativo *Maecenas*, que termina com a cesura pentemímera, e, apesar disso, especifica, em fórmulas precisas, o assunto de cada um dos seus quatro livros. A invocação não se faz a uma musa ou às musas — a epopéia clássica grega invoca a Musa ou as “filhas de Zeus” — mas aos deuses especializados em assuntos agrícolas, e divide-se em duas partes: os deuses especializados e aquêle cujo culto ia logo surgir: o Imperador. Os deuses especializados, alguns individuais, outros divindades plurais, são invocados em nove invocações (o esquema o põe à mostra), que se distribuem em 18 hexâmetros e um hemistíquio (vv. 5-23) O imperador é invocado em 19 hexâmetros, e com uma ênfase tal que parece uma terceira parte, e Camões, que lhe traduziu dois passos, viu nela uma dedicatória, embora Vergílio a termine com *assuesce uocari*, e êle também a sua dedicatória com *costumai-vos já a ser invocado*.

Os 42 hexâmetros vergilianos foram aparentemente expandidos por Castilho em 54 alexandrinos. Cumpre, entretanto, notar que o alexandrino mede sempre 12 sílabas, nos graves 13, ao passo que o hexâmetro pode ter de 13 a 17. Não me pude dar ao trabalho de contar com rigor, mas a média de sílabas do hexâmetro vergiliano está entre 14 e 15. Apesar da diferença — cêrca de 100 sílabas a mais —, a tradução de Castilho até que é bem concisa.

1 — *Proposição-dedicatória.*

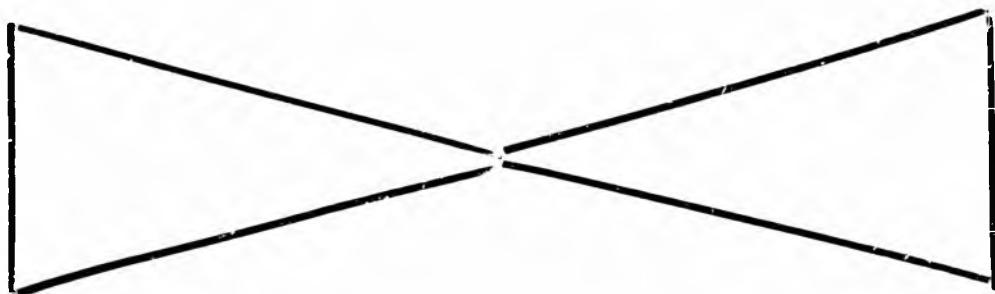
O poema é dedicado a Mecenas, só denunciado por um vocativo no segundo verso. O processo é semelhante ao da invocação nos poemas homéricos, onde esta se denuncia pela simples conjugação dum vocativo desnudo com um imperativo. *Maecenas* é, aqui, aparentemente, um simples leitor a quem o Poeta se dirige. Mas o assunto não é só do interêsse de Mecenas: consulta às reformas em que estava empenhado Augusto, que é o terceiro de um grupo intimamente relacionado: o Imperador, o seu Ministro da Fazenda e o Poeta. Os dois primeiros estavam interessados na ressurreição das atividades agrícolas e pastoris, desgastadas em consequência das conquistas romanas; o terceiro era um antigo agricultor e pastor.

A ação do Poeta é também indicada numa oração de três palavras formando um hemistíquio; *hinc canere incipiam*. Mas o objeto de *canere* é múltiplo, ou, mais precisamente, quádruplo. A

leitura do texto latino, sem atenção ao número de livros do poema, ou sem uma tomada de consciência prévia do seu conteúdo, não daria visão exata da matéria de cada livro, porque o garfo dos complementos de *canere* se abre em cinco, e não em quatro pontas: cultura de cereais, viticultura (ou pomicultura em geral), criação de gado graúdo, criação de gado miúdo, apicultura. A versão de Castilho precisou a matéria do livro III, reunindo-a na fórmula concisa, *criação de armento e fato*. Note-se a harmonia da obra, expressa nas oposições binárias do assunto: os livros I e II dedicam-se à agricultura (cultura de cereais e viticultura); os livros III e IV, à criação (criação de gado graúdo e miúdo e apicultura) Ainda outro fato: evitando as interrogativas indiretas, que é como Vergílio completa o verbo *canere*, e substituindo-as por orações curtas ou por complementos nominais, como o que acaba de ser mencionado, Castilho tornou leve a proposição, e tão concisa que ela, como no original, se completa em quatro versos e um hemistíquio. Talvez se possam pôr reservas à tradução de *faciat laetas* pelo presente do subjuntivo de *alegrar*. Melhor seria, quem sabe, *torna risonhas, ridentes, ou festivas*, onde há, parece, uma transposição de epíteto.

Um fato que merece especial destaque e que o esquema da versão portuguesa respeita — e o do original poderia ter melhor respeitado, colocando-se *Maecenas hinc canere incipiam* após os garfos e em nível superior, com uma seta reversa indicando a ordem estrutural — é a ordem dos termos em todo o enunciado da proposição. Costuma dizer-se que a ordem latina é livre. Sintaticamente, sim: na prosa e no verso encontram-se aproximações ou deslocações ousadas, que, contudo, não prejudicam a compreensão. Mas há admiráveis efeitos de estilo que se tiram da posição, como é o caso presente. E há sem dúvida um padrão geral, que já foi definido como segue (30) Um conjunto de ângulos opostos pelo vértice forma uma faixa que do meio se abre para a esquerda e para a direita. Essa faixa dá uma visão da potencialidade da ordem normal e das inversões de ordem latina: os pontos mais largos, nos dois extremos, são os dois polos onde ficam o sujeito e o verbo, e entre eles os modificadores e complementos do sujeito, e os complementos e modificadores do verbo, nessa ordem. A sua largura dá a importância da posição.

30) — Essas idéias e o esquema abaixo eu cito aqui de memória: falta-me o livro *Caesar in Gaul*, creio que de Doodge and Eastman, que o traz em notas de gramática após os textos.



$$\begin{array}{ccc} & \text{modifs.} & \text{compls.} \\ \text{Suj. +} & \{ \text{ e } \} \text{ do Suj. +} & \{ \text{ e } \} \text{ do Suj. + Pred.} \\ & \text{compls.} & \text{modifs.} \end{array}$$

Mas qualquer deslocação, seja nos termos essenciais, seja nos seus mais humildes modificadores, produz efeitos de ênfase, que, por assim dizer, atingem a mensagem, mas deixam inalteradas as funções. É o que a ordem da proposição que nos ocupa ilustra de modo admirável: a ação do Poeta, deslocada para o fim do enunciado, está destacada, o vocativo da dedicatória, também está deslocado pela sua deslocação e por estar entrecortando a frase, e o quádruplo assunto do poema, transposto para o início, também está destacado. Isso parece estranho, pois o destaque de um termo normalmente se faz à custa de outro; mas, no caso presente, os três ficam em evidência. Castilho sentiu-o e traduziu muito bem o texto vergiliano, mantendo anepostas as paralelas do assunto, transpondo o vocativo *Mecenas* para o quase fim do período, que êle terminou com a expressão da ação do Poeta, em duas palavras apenas: *vou cantar*. É que, embora não seja língua sintética, o português tem recursos semelhantes.

2 — Invocação — 1.^a parte.

A invocação, como o esquema põe à mostra, divide-se em duas partes iguais quanto à extensão, mas desiguais pelos efeitos afetivos. Na primeira parte, se fazem nove invocações a deuses de categorias diversas, todos êles ligados às atividades rústicas, às quais se acrescenta uma aposição no fim — *dique deaque omnes* —, modificada por três relativas que ressaltam o interesse desses deuses e deusas nas atividades rústicas, especialmente as agrícolas. É a deuses e não a simples musas que se dirige o Poeta. Teria sido essa uma das sugestões que teve Camões para iniciar o seu poema com a invocação às Tágides, “filhas do Tejo”, do rio de cuja

foz partiram os navegantes que êle iria cantar, buscando, nas musas inspiradoras, testemunhas de um momento crucial — as partidas e as despedidas?

Vejam os dois esquemas as partições das dez invocações. Foi assim que esquematizei: a decima, que no parágrafo precedente chamei aposição, eu pus, não como um aposto, mas ligada em opposição binária às nove anteriores. Hesito um pouco até agora. seria realmente um aposto ou seria antes uma soma, incluindo na fórmula todo-compreensiva — *dique deaeque omnes* — algum deus omitido que pudesse melindrar-se?!

As nove divindades distribuem-se em três grupos ou tríades, como o esquema deixa patente, cada tríade composta de um deus ou par de deuses mais categorizados, de um herói ou de divindades ligadas de perto às atividades agrícolas ou pastoris (ou um par delas), e de uma divindade silvestre ou um par delas. Enumeremos agora os membros dessas tríades, reunindo-os de acôrdo com essa caracterização: *Sol e Lua, Netuno, e Minerva* (primeiros membros das três); *Baco e Ceres, Aristeu* (o cultor dos bosques), e *Triptólemo* (o inventor do arado) (os segundos membros das três); *Faunos e Dríades, Pã, e Silvano* (os terceiros membros) Note-se como Vergílio fecha sempre cada tríade com uma divindade, se não menos característica, pelo menos que se confunde com as outras da mesma ordem, com exceção apenas das Dríades. os outros — *Faunos, Pã, e Silvano* — são imaginados com traços comuns na tradição clássica. Note-se ainda como a primeira tríade é formada de três pares: *Sol e Lua, Baco e Ceres, Faunos e Dríades*.

Ainda a caracterizar os agrupamentos se devem notar as orações imperativas de súplica que encerram a primeira e a segunda tríade, e cortam assim o fluxo da enumeração, pelo que as considerei como parentéticas. A terceira tríade não faz êsse fecho. É que para o entrecorte não havia já necessidade. Castilho sentiu, contudo, a ausência da terceira súplica e acrescentou por sua conta, repetindo dados da primeira, uma súplica também à última. Essa triplice partição eu só a senti e destaquei, e pude então ver claro as características que acabo de enumerar, apenas no momento em que tive de enfrentar a colocação das imperativas dentro do sistema: só como parentéticas é que elas couberam no esquema, dividindo assim, necessariamente, as nove invocações em blocos de três. Realmente, como a primeira,

*Ferte simul Faunique pedem Dryadesque puellae
Munera nostra cano.*

não se dirige aos três membros da tríade já invocados, mas só ao último, ao qual se acrescentam formando par as *Dryades puellae*, não é oração fundamental: só pode ser parentética. Também a segunda, amalgamada com o terceiro elemento da segunda tríade,

*Ipse, nemus linquens patrium saltusque Lycaei,
Pan, ouium custos, tua si tibi Maenala curae,
Adsis, o Tegeae, fauens,*

só se dirige também a êste, e não aos outros dois: só pode ser parentética. Tendo, por isso, considerado parentéticas — ou “jaculatórias”, se se me permite — as duas no texto vergiliano, apesar de a pontuação recomendar outra solução, assim considerarei as de Castilho, inclusive acréscimo, após a terceira tríade:

*Numes de tanto amor, não me sejais adversos:
As vossas glórias canto, auxiliai meus versos!*

Entretanto, diga-se de passagem, na versão de Castilho, se ignorássemos a fonte vergiliana, seria possível tomar *Numes de tanto amor* como um vocativo apôsto aos dez precedentes e, fechando as dez pontas de garfos à direita, colocar na frente a proibitiva de *não sejais* e, coordenado a ela, o bloco da positiva de *auxiliai*, depois de a ela termos coordenado a explicação causal paratática — *as vossas glórias canto*.

Dêsse modo, se as imperativas só podem ser parentéticas, como fica demonstrado, essa primeira parte da invocação não pede nada organizado às três tríades: são vocativos soltos, são antes evocações que invocações. Não há outra solução formal para o texto. E não dá êsse fato mais um apoio à minha insistência de que êste meu diagrama, se bem orientado, é método de pesquisa?!

3 — *Invocação-dedicatória*.

A segunda parte da invocação contrasta com a primeira: mesma extensão, mas uma só invocação, contra as nove ou dez, e estas com alguns pares e alguns plurais. E, mais ainda: nesta os imperativos do fim não são “jaculatórias”, mas súplicas organizadas dirigidas a Augusto, com a ênfase da deslocação para o fim. Ante a concentração desta, aquela se revela difusa, apesar dos efeitos artísticos da sua elaboração. Esta inicia-se com esta fórmula enfática: *Tuque adeo Caesar Tu* é o sujeito de verbos que estão a 16 versos de distância e por isso soa como um vocativo. Mas o vocativo está ali, no hexâmetro seguinte, em posição de destaque — encerrando o verso e entrecortando o primeiro segmento de interrogativas indiretas chegado por *velis*. Além disso, essa parte toda, de *invocação-dedicatória*, está introduzida pela enclítica *que*

(de *Tuque*), que dá especial destaque ao bloco. Finalmente, não é sem interêsse o advérbio *adeo*, conjugado com a enclítica na junção e na ênfase.

Introduzindo o bloco por essa fórmula, vem uma relativa-completiva interrogativa indireta, prêsa a uma encravada no meio, a *incertum est* — do tipo a que Otoniel Mota chamou *falsa adjetiva* (31) — e que, como se vê da esquematização, governa tôda uma árvore de interrogativas indiretas apositivas, que exprimem as hesitações ou incertezas do Poeta sôbre a classe de deuses dentro da qual ele iria colocar o Imperador: deus da terra, estimulador das atividades agrícolas, e das cidades (dominador de povos?), deus do mar, dominador das navegações, servido até pela ilha mais afastada, genro de Tétis, por esta “adquirido” com tôdas as ondas (totalidade de domínio marítimo?) ou deus do céu, com lugar já reservado. Resta uma hipótese ainda: é o mundo plutoniano. Êste, porém, é afastado por uma preterição: não acalente Augusto desejos cruéis de reinar ali, embora os gregos até que gostavam dos campos Elísios e Prosérpina, lá embaixo, não tivesse saudades cá de cima.

Essa longa digressão põe em destaque as súplicas que se ligam dentro do esquema { [(a + b) + c] + d}, mas terminam com a que o declara *deus*, exortando-o a “acostumar-se a ser invocado desde já” e a receber ofertas votivas: *et uotis iam nunc assuesce uocari*. Seria muita subtilidade ver em *uocari*, “invocação” e em *uotis* “dedicatória”?! Tenho a impressão de que não. E, se esta interpretação é justa, então essa súplica encerrando o trecho está em muito bom lugar, e Camões o sentiu muito bem, porque, traduzindo literalmente a fórmula por *e costumai-vos já a ser invocado* e colocando-a no fim da sua dedicatória-invocação, lhe deu destaque todo especial.

Castilho, nessa segunda parte da invocação, introduziu duas alterações bastante felizes, que aliviam o período, muito longo, e lhe dão fôrça e graça: eliminou as interrogativas *indiretas* apositivas, transformando-as em interrogativas *diretas* apositivas, ou, talvez, transformando-as em interrogações *indiretas livres* — que, se pa-

31) — Na 1ª edição das *Lições* (1915), êle limita-se a chamar a atenção para o tipo da relativa que êle diz ser ao mesmo tempo *substantiva* e *adjetiva*, em nota ao caso n. 3 para analisar, do § 327 (p. 96, *Lição LIV*). Essa edição só tem LV lições. Em edições posteriores, p. ex. na 8ª edição (1941) que tenho também em mãos, êle dedica a *Lição LIX* (§§ 382 — 387) ao enunciado: *O livro que eu desejava que viesse chegou afinal pelo último correio*. Mostra então que as orações são: 1) *O livro chegou afinal pelo último correio*; 2) *eu desejava*; 3) *que que viesse*. Chama à 2ª *falsa adjetiva* (§ 385, p. 125) e reclama do silêncio dos gramáticos quanto ao fato.

recem diretas, é porque a presença do ponto de interrogação se impunha. Por outro lado, êle transformou em exortação a explicação causal parentética, que no texto vergiliano se justapôs à relativa-indevida, reduzindo a explicação causal a uma pequena paratática: *reinar lá fôra atroz*.

Tenho a impressão de que o esquema esclarece e surpreende fatos que devem ter sido sentidos conscientemente ou simplesmente intuídos pelo Poe a, e que talvez não se detectassem pelo exame reflexivo apenas. Sinto que a esquematização é, assim, um método de pesquisa — um eficiente método de pesquisa — e um admirável recurso de comunicação que pode prestar excelentes serviços ao ensino audio-visual. Compreende-se assim o entusiasmo daquela turma, hoje anônima, ante a primeira tentativa de esquematização dessa parte final do texto. É que o método realmente comunica! E note-se que uma das tarefas mais pesadas do professor de latim era primeiro descobrir poesia em textos trabalhados dentro duma estética que não era a corrente naquela geração, e, o que é mais, de interpretação difícil, só entendidos quando transpostos para o português. Mais difícil ainda era fazer os estudantes nêles sentirem poesia. Seria, hoje, tarefa mais fácil?!

Por isso, — tendo eu mostrado os esquemas dos poemas *Oceano Nox* e *A quoi songeaient les deux cavaliers*, de Vitor Hugo, e das sete primeiras estrofes de *La maison du berger* de Vigny, e de *La salle à manger* de Francis Jammes, a um colega francês, professor de lingüística matemática, e tendo-me êle perguntado por que eu não tentava uma elaboração matemática do meu desfraseamento —, eu lhe respondi que o objetivo dessa técnica era mais modesto: era apenas pedagógico. Afinal de contas, o que surgiu para esclarecer o texto não deve ser usado para perder de vista a sua mensagem. O texto é ato de fala, e, como mensagem comunicada, nem sempre interessa às generalizações da lingüística, mas colabora com outros textos para fornecer ao lingüista os dados para analisar a forma da mensagem. Como a lingüística ainda não conseguiu nem tentou fornecer os dados para uma análise que vá além do enunciado (32), é preciso que dela nos sirvamos como um subsídio para remodelar a pedagogia da língua, que é muito mais do que a descrição e análise desta, que é a exegese dos textos, e, pelos

32) — Não que o ignorar a existência dos trabalhos de Todorov e outros sôbre as estruturas narrativas, nem a série de artigos do número 8 de *Communications*, nem o interessante artigo de T. A. Dijk, resultante de uma comunicação apresentada na Ecole Pratique des Hautes Études em 1969, sob o título "Sémantique générative et théorie des textes" (*Linguistics* 65 (1971), pp. 66-93), com cerca de 40 títulos bibliográficos no fim, todos recentes de entre 1961 e 1970.

dados desta, o ensino da produção de textos, isto é, da composição literária.

Nada tenho contra a matemática. Antes, no passado, quando a gramática me esquentava a cabeça, eu ia à matemática para refrescá-la um pouco. É verdade que era uma matemática muito elementar, mas a minha lingüística de hoje também não deixa de o ser. Hoje, que os computadores já penetraram até nos domínios das histórias em quadrinhos, a lingüística, como qualquer outra ciência, não pode abrir mão do seu concurso. Mas não nos esqueçamos de que língua é instrumento de comunicação e o texto é ato não só de comunicação mas também de expressão estética, que deve ser também apreendida. E ele não deve ser apenas entendido mas também saboreado e explicado. E parece que as siglas e fórmulas e equações não combinam bem com o ato de comunicação pessoal nem com o seu destino final. Isso não quer dizer que não haja lugar para o tratamento matemático do texto: cada um o trate segundo a sua vocação.

Também não sou sistematicamente contra a renovação terminológica. Reajo apenas contra o abuso e o exagero. A velha retórica se perdeu numa nomenclatura rebarbativa. A velha gramática também. A lingüística e a crítica modernas também são de uma fecundidade leporina, ou, mais precisamente, "cuniculina", com perdão do neologismo!

Outra coisa. Ao invés de, examinando textos, aplicar-lhes de fora uma teoria nova, só por ser nova, haurida em artigo de último número de revista, com seus símbolos esotéricos, suas siglas e termos inéditos e herméticos, não seria melhor espremê-los e fazê-los exprimir tudo o que receberam a missão de comunicar, decompondo-os, recompondo-os e reexaminando-os objetivamente? Depois que eles tiverem dito o que têm a dizer, então os submetamos a uma teoria, não para testar o texto, mas para testar a teoria.

Acho que já vai passando da hora de encerrar estas considerações com um agradecimento a quem agüentou até aqui este texto, que não é literário. Mas, antes de o fazer, que se me permita invocar e parodiar o velho Juvenal (*Sat.*, VIII, 84), fundindo nesta interrogação a sua judiciosa sentença: Será mesmo necessário

propter uitam uiuendi perdere causas?!

Pois é êsse o grande risco que corre aquêle que tenta a anatomia da môsca azul (33): vão-se as glórias, os sonhos e os devaneios, e ficam, depois de tudo, diante dos olhos, apenas as mãos por lavar!

33) — É a conhecida mensagem do poema *A Môsca Azul* de Machado de Assis (*Ocidentais*, in *Obra Completa*. Rio de Janeiro, Edit. José Aguilar, 1959, pp. 166-168; = M. Bandeira, *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Parnasiana*. Rio de Janeiro, I.N.L., 1940 (2.^a ed.), pp. 36-38).

Observações finais:

1.^a — Tais como estão, os esquemas de *Geórgicas* I, 1-42 e de *As Geórgicas de Vergílio*, de Antônio Feliciano de Castilho, I, 1-54, me parecem apresentar-se em sua forma definitiva, com, talvez, apenas duas reservas, se se ignorarem alguns outros poucos probleminhas inócuos de forma:

a) A proposição, no esquema do texto original, teria ganho em precisão se as interrogações indiretas que dão o assunto dos quatro livros tivessem sido deslocadas para a esquerda, e *Maecenas, hinc canere incipiam* tivesse sido pôsto à direita, como, aliás, aconselha a ordem do texto de Vergílio;

b) Os vocativos *Caesar* e *César*, num e noutro texto, deveriam ter sido postos no lado externo do grande garfo final, no vértice, porque os três blocos da página — isto é, o grupo de imperativos, o elemento apositivo central, explicativo de *incertium est quae mox sint habitura deorum concilia*, ou o do texto português, na forma em que Castilho o estruturou, e a relativa indefinida final e seu parêntese — são todos de 2.^a pessoa, embora nem todos de sujeito na 2.^a pessoa.

Refazê-los ainda uma vez por causa dessas imperfeições ou imprecisões seria tarefa trabalhosa e desaconselhável. Se um trabalho como este vier a mostrar-se merecedor de reedição, far-se-ão êsses e quaisquer outros ajustamentos.

2.^a — O texto da versão de Castilho, por não ser facilmente encontrado, é transcrito a seguir.

I. N. S.

GEÓRGICAS (EXÓRDIO)

- O que as messes alegre; o astro que mais convide
a revolver o solo, e a armar no olmeiro a vide;
criação de armento e fato; e quanto de sciencia
o parco enxame pede, e ensina a experiência,
- 5 Mecenas, vou cantar. — Fanaes do ethereo espaço,
que pelos céos guiais o anno a passo e passo!
Baccho, alma Ceres, vós por quem a terra antiga
mudou chaonia glande em substancial espiga,
e aos copos de Achelôo uniu do mosto o achado!
- 10 Faunos bons, por quem sempre o agreste é despachado!
correi, Faunos! correi, ó Dryades donzellas!
descanto os vossos dons. — Arbitro das procellas,
que ao trus do grão tridente o incognito cavallo
romper do chão fizeste aos rinchos, e a esqarval-o,
- 15 Neptuno! — Ó morador dos nemoraes encerros,
para quem tosa em Ceia armeno de bezerros
trezentos côr de neve as sarças como relva!
Os bosques do Lyceu deixando, e a patria selva,
tu, de ovelhas pastor, se os Menalos amenos
- 20 te importam, Pan Tegêo, assiste-me não menos!
Minerva, ó mãi da oliva! — Ó moço autor do arado!
Ó Silvano, que em punho ostentas arvorado,
co'a raiz toda, o escol dos juvenis cyprestes!
Quanto ha hi deus emfim, quanta ha hi deosa, prestes
- 25 sempre ao campo a acudir, crear-lhe sem semente
e espalhar no semeado as chuvas largamente!
*Numes de tanto amor, não me sejais adversos:
as vossas glórias canto, auxiliai meus versos!*
- E tu, Cesar, também: tu és também deidade,
30 o que só por emquanto ignora a humanidade
é de quaes has de entrar no eterno ajuntamento:
das terras, das nações, apraz-te o regimento
e do orbe a immensidade, accorde em confeir-t'o,
cingindo-te o materno e glorioso myrto,
- 35 ter-te-ha por influidor dos fructos e das quadras?
Ou, deus do infindo mar, nos transes das esquadras
serás o só chamado? abrangerás no mando
Thule, do mundo extrema? e Tethys, proclamando
o poderio teu, por suas vagas todas
- 40 comprar-te-ha para genro, ufana com taes bodas?
Ou, constellação nova, eleges ir grupar-te
co'as dos mezes do tarde, enchendo aquella parte
que entre Erigone se abre, e o Scorpião, que a segue?
Teu desejo sem custo o exito consegue,
- 45 que o proprio monstro ardente os braços d'improviso
encolhe, a te alargar mais campo que o preciso.
Seja qual fôr teu reino (o Tartaro exceptua;
reinar lá, fôra atroz; não seja ambição tua,
por mais que a Grecia admire a elysia amenidade
- 50 e Prosérpina fuja á maternal saudade)
facilita-me o passo; annue-me á audaz empreza;
comigo ao camponez, que da ignorancia é presa,
dá compaixão, põe luz; sê guia aos teus devotos
Principia já hoje a acostumar-te a votos!

(Othoniel Motta, *As Geórgicas de Virgílio, trasladadas a Portuguez por Antonio Feliciano de Castilho*, Heros Graphica Editora São Paulo, 1930, pp. 7-12).